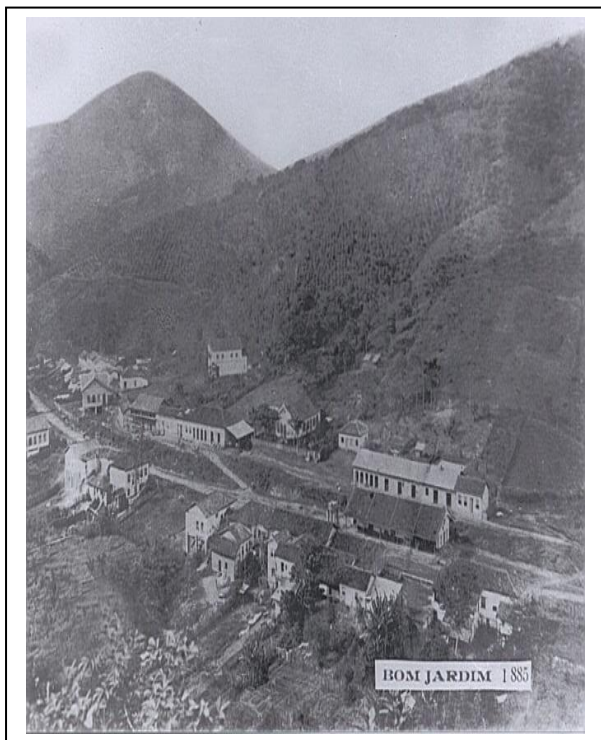


# *BOM JARDIM*

*Adriana Louback*

*Ilustrado por Marcos José Louback*



## SUMÁRIO

RESUMO .....	3
OS PRIMEIROS HABITANTES.....	3
COMO TUDO COMEÇOU.....	6
A SESMARIA DE BOM JARDIM .....	15
A COLÔNIA SUÍÇA- A VINDA DOS SUÍÇOS PARA BOM JARDIM.....	17
ESCRavidÃO, AGRICULTURA E OCUPAÇÃO DA TERRA.....	26
DE PEQUENO POVOADO A MUNICÍPIO.....	28
A QUESTÃO POLÍTICA POR TRÁS DA CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO.....	30
DADOS BIBLIOGRÁFICOS DOS PRIMEIROS ADMINISTRADORES.....	33
A ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA.....	38
O COTIDIANO .....	41
ILUMINAÇÃO PÚBLICA EM BOM JARDIM.....	49
RELIGIÃO E PODER.....	50
MOMENTOS IMPORTANTES DO PAÍS EM NOSSO MUNICÍPIO.....	53
OS DISTRITOS.....	55
BRASÃO .....	67
ASPECTOS FÍSICOS.....	68
BANDEIRA.....	69
ATIVIDADES ECONÔMICAS.....	70
CULTURA, ARTE E LAZER.....	72
ARTISTAS E INTELCTUAIS.....	74
FOLCLORE.....	78
HINO DO MUNICÍPIO.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
ORIGEM DAS FAMÍLIAS BONJARDINENSES.....	84
BIBLIOGRAFIA.....	86

### Agradecimentos :

Aos professores e funcionários do Colégio E. Dr Péricles Corrêa da Rocha, do Colégio E. Ramiro Braga e da extinta Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia pela minha formação acadêmica e incentivo a pesquisa .

À minha prima Rita de Cássia Louback e Souza pelas dicas e correções e professora Dilvana M. Zebendo Pinto, pela paciência na correção gramatical de parte dessa pesquisa.

À todas as pessoas entrevistadas que deram um retrato vivo do cotidiano de Bom Jardim no passado. Às pessoas que doaram fotos e em memória do fotógrafo Sobrinho por conservar um grande acervo iconográfico.

### Dedicatória:

Gostaria de dedicar este livro a minhas filhas Estela e Eloísa, à meu marido, aos meus pai José Milton Louback e Marilda Louback, a escritora e artista Marisa Maia pelo apoio, ao meu irmão que ilustrou parte do livro e a toda a minha família, por todos os momentos que temos a alegria de viver juntos.

## **A colonização de Bom Jardim**

Por Adriana Louback

### **Resumo**

A colonização inicial das terras que hoje pertencem a Bom Jardim está diretamente ligada à ocupação das terras de Cantagalo e a busca e ao contrabando de ouro nos Sertões de Macacu. Colonização esta que, em Bom Jardim, teve como pioneiros os imigrantes portugueses, os migrantes de origem mineira e escravos negros africanos, pois, após a captura do contrabandista Mão-de-Luva, o rei de Portugal resolveu povoar essa região para impedir que, por ela, continuasse acontecendo o contrabando de ouro de Minas Gerais, portanto distribuiu, nos finais do século XVIII e início do XIX, cartas de sesmarias na região, principalmente para imigrantes portugueses que vieram colonizá-la. Logo após, foi instalada a colônia Suíça em Nova Friburgo e muitos dos colonos suíços e alemães vieram para Bom Jardim. Anos depois, vieram também espanhóis, italianos, libaneses, sírios, turcos entre outros.

### **1- Os primeiros habitantes**

Antes da colonização portuguesa, a região dos Sertões de Macacu foi habitada por poucos povos indígenas que eram nômades e viviam da caça, pesca e coleta de alimentos, chamados de “índios brabos”, conforme podemos observar em parte do relato do mineralogista inglês e comerciante de diamantes, John Mawe:

Possuindo pouco conhecimento de lavoura, dependem quase por completo, para sua alimentação, dos arcs e flechas e das raízes e frutos selvagens. O chefe veio visitar-me com cerca de cinquenta índios... 1

1-JACCOUD, Raphael de S. – História, contos e lendas da velha Nova Friburgo. Pág.101

Esses grupos indígenas apresentavam culturas bem diferenciadas, peculiares modos de falar, de realizar seus trabalhos, de governar, enfim, de viver. Essas tribos transitavam pela região dos Sertões de Macacu, vindas da Baixada, tendo como grupos principais o Puri, Coropó e o Coroado, sendo que estes últimos possuíam subdivisões, também se tem registro de alguns Tamoios que foram expulsos do Litoral por Estácio de Sá. Esses grupos indígenas eram inimigos, o que impossibilitou a formação de missões pelos padres jesuítas na região. Alguns desses grupos foram expulsos para os Sertões de Macacu pelos dominadores de Goitacazes, ou passavam pela Serra dos Órgãos, em busca das margens do Rio Grande e, às vezes, de um caminho mais curto para o vale do Paraíba. Não eram antropófagos, mas possuíam fama de bravos e cruéis entre os prisioneiros e de roubarem a colheita dos outros, como muitas vezes foram acusados os poucos Puris que viviam próximos à colônia do Morro Queimado. Segundo vestígios encontrados, a região de Bom Jardim foi um aldeamento temporário de índios.

Afirma-se, no entanto, que existem, nos dias presentes, indícios da passagem de aborígenes, no passado, por lugares pouco acessíveis como nas fendas ou nos recantos das elevadas pedreiras conhecidas na área hoje pertencente ao município de Bom Jardim. Esses sinais, dizem, evidenciam-se com o encontro de fragmentos de objetos de cerâmica e também de pedras esculpidas com relativa habilidade.<sup>2</sup>

Alguns grupos indígenas que habitavam a região receberam seus nomes de acordo com suas características e costumes: os índios Coroado foram assim designados pelos colonizadores porque tinham o hábito de cortar os cabelos como uma coroa; já Puri significa ‘comedor de carne humana’, pois alguns grupos possuíam hábitos antropofágicos, o que não era o caso dos que transitavam pela região. Em geral, eram nômades, mantinham um equilibrado contato com a natureza, vivendo da coleta de frutos e raízes.

e da caça, ficando por um certo tempo em locais onde encontravam alimentos como coco, jabuticaba, mel, caça, pesca. Seus abrigos eram varas encostadas a um tronco e cobertas de folhagens, dormiam no chão sobre folhas secas e andavam nus, com os corpos pintados com jenipapo ou urucum, bebiam uma bebida fermentada de milho, a catipuera, que era pisoteada em cochos e ingerida durante rituais de dança. A cidade de Itaocara surgiu de um dos poucos aldeamentos em que se fixaram. Aos poucos, essas tribos foram, em seu constante nomadismo e no mau contato com os missionários que queriam aldeá-los, desaparecendo dessa região, embora haja relatos de imigrantes que se casaram com índios, pois é comum ouvir entre as famílias colonizadoras, essa observação:



“minha avó ou avô, foi pego a laço.” Além disso, o desrespeito dos colonos com a natureza também ajudou a tornar a vida dos índios por essa região impraticável: a caça desmedida; as constantes queimadas, que, além de acabarem com muitas matas, quase extinguíram na região várias espécies nativas, como Ipês, quaresmeiras, sanandus, embaúbas, ibirapitingas, perobas, massarandubas, braúnas, sucupiras e, nas áreas mais altas, aroeira, jequitibá, cedro, palmas e coqueiros. Muitas dessas madeiras nobres foram cortadas para as construções ou tombadas para a lavoura, também foram extintas outras que serviam de alimentos para os índios. Índios estes que se alimentavam da caça: lobos-guarás, antas, lontras, capivaras, caítitus, macacos, tamanduás, onças, pacas, cotias, coelhos, gambás, preás, tatus, preguiças, lagartos, gatos do mato, ouriços e aves como jacupembas, inhambus, frangos d’água, marrecos, patos, entre outros, embora ainda hoje se encontrem alguns desses animais em matas mais fechadas do Município.

João Mafort e alguns de seus familiares ficaram conhecidos como grandes caçadores de onças. O senhor João, em 1832, chegou a matar 15 onças, uma com mais de 120 quilos, seus descendentes eliminaram centenas de onças, segundo nos revela a obra de Manoel Erthal. Embora, às vezes, matassem animais pelo prazer, ou para comer, em outras ocasiões, o faziam para proteger rebanhos.

## ***2- Como tudo começou.***

Existem divergências entre os historiadores sobre a data exata da chegada dos portugueses a Baía de Guanabara: Varnhagem acredita que esse primeiro contato foi feito pela expedição de 1501, enviada logo após a esquadra de Cabral, pelo rei de Portugal, com o objetivo de fazer o reconhecimento da terra e verificar a existência de riquezas. Essa expedição, enquanto descia pelo litoral, dava nome aos locais de parada de acordo com os santos do calendário cristão, portanto janeiro de 1502, São Sebastião do Rio de Janeiro.

Já o historiador Malheiro Dias afirma que essa chegada dos portugueses se deu na segunda expedição, comandada por

Gonçalo Coelho que fundou uma feitoria em Cabo Frio para a extração de pau-brasil, logo após se dirigiu à Guanabara, onde à beira de um riacho, construiu um núcleo de arraial com uma casa de pedra denominada pelos índios de carioca, em tupi “casa de branco”.

No final de 1511, os habitantes da feitoria de Cabo Frio abandonaram-na e foram viver no arraial da Guanabara, porém o arraial foi destruído pelas constantes invasões indígenas em represália ao comportamento de seu encarregado.

Quando, em 1534, o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias e Martim Afonso recebeu a capitania de São Vicente, ele centralizou o governo na Vila de São Vicente, atual Estado de São Paulo. Ao voltar a Portugal, entregou a administração a Gonçalo Monteiro e João Ramalho, que, mais preocupados com os engenhos paulistas, deixaram de lado a colonização da Guanabara, o que facilitou, anos mais tarde, a invasão Francesa a região.

Com a criação dos Governos Gerais, a situação da Guanabara pouco se modificou, o primeiro Governador, Tomé de Sousa, centralizou seus esforços de povoamento no Nordeste. Tomé de Sousa esteve no Rio de Janeiro com o padre Manuel da Nóbrega e recomendou ao rei que esse fosse povoado. Já o segundo governador, Duarte da Costa, não soube tratar de maneira adequada com os índios, estes mantiveram contatos com os franceses, com quem estabeleceram boas relações, até permitindo o estabelecimento desses estrangeiros na Guanabara em 1555. O terceiro governador geral, Mem de Sá, enviou seu sobrinho Estácio de Sá para expulsar os franceses da Guanabara, este fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1º de março de 1565. Os índios, enfurecidos, formaram a Confederação dos Tamoios para expulsar os portugueses, porém foram aos poucos, desarticulados e massacrados. Em 1567, finalmente os franceses foram expulsos quando foi criada a Capitania Real do Rio de Janeiro, desmembrada da capitania de São Vicente, sob a responsabilidade da Coroa Portuguesa. Entretanto, a região Serrana Fluminense só começou a ser efetivamente povoada mais de duzentos anos após o início do povoamento da baixada. O povoamento da região Serrana enfrentou grande dificuldade,

principalmente em vencer a escalada da Serra do Mar, que possuía matagal fechado, com floresta tropical cheia de perigos e armadilhas.

A descoberta de ouro na região de Minas Gerais fez com que a Coroa Portuguesa voltasse seus olhos para aquela região, que passou a ser sua grande geradora de riquezas, portanto não se interessou na colonização da região dos Sertões de Macacu.

Enquanto a região das Minas Gerais fervilhava com a exploração de ouro e pedras preciosas, a coroa portuguesa estava muito envolvida com a organização e fiscalização desta, portanto não era de seu interesse, pelo menos naquele momento, colonizar a região dos Sertões de Macacu.

A partir de 1727, foi proibido que se abrissem novos caminhos que dessem acesso à região mineradora, e a região dos sertões ficou interdita em benefício do fisco, pois o contrabando significava grandes perdas para Portugal. Foi fortalecido o policiamento interno da colônia com a contratação de profissionais fardados: as tropas regulares; no Rio de Janeiro, os regimentos Bragança, Moura e Extremos. Também para melhor controlar o ir e vir, foram criados passaportes internos e regiões foram interditas, assim, os caminhos não oficiais para a região de Minas foram fechados, como o dos Sertões de Macacu. Portanto, o ouro já fundido em barras e descontado o quinto da coroa, deveria passar, em lombos de burro, pelo “Caminho Novo” que ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro, concluído por Garcia Rodrigues Paes em 1699. Qualquer tentativa da abertura de novos caminhos podia ser punida como crime grave contra a coroa portuguesa, uma vez que esse ouro custeava a construção de luxuosos palácios e conventos em Portugal, no reinado de D. José I e, depois dele, os luxos da corte de D. João VI, mais tarde também o de D. Pedro I e II no Brasil. A contravenção, porém, era feita: havia padres jesuítas que utilizavam santos com fundo falso, recheados de ouro, usando falsas procissões para enganar a coroa: os santos do pau oco. Outros relatos dão conta ainda de que os padres jesuítas foram os primeiros a fazer a mineração clandestina de ouro na região, padres esses vindos do aldeamento de São Barnabé, fundado no tempo de Antônio Salema com cativos de Cabo Frio. Exatamente esta proibição de se abrir



caminhos pela região é que possibilitou que o contrabandista português Manoel Henriques, mais conhecido como Mão de Luva; usasse-a como esconderijo e caminho para contrabandear ouro e pedras preciosas. Com o tempo, o contrabandista fixou-se na localidade, hoje conhecida como Cantagalo, que, a princípio, foi o município dos Sertões de Macacu ou das Novas Minas das Cachoeiras de Macacu, nome este que foi dado em função da árvore macacu que a região possuía em grande quantidade.

Em 1757, o Capitão Francisco Pires Farinho iniciou uma expedição na cabeceira do Rio Doce, onde pacificou os índios Xopotó. Nessa época o tráfico da erva poaía com os nativos intensificou-se, dessa região, partiu a conquista dos Sertões do Leste, no lado mineiro. Já o lado fluminense, abaixo da Grande Serra, principalmente Cachoeiras de Macacu, teve um surto de mineração clandestina nos cursos d'água, o que fez com que o Conde da Cunha, em 1765, determinasse a evacuação da área, destruição de casas e lavouras, retardando ainda mais o povoamento.

Quando Luiz da Cunha Menezes, Conde de Lumiares, assumiu o governo da Capitania de Minas Gerais, resolveu desobedecer à lei que proibia a passagem pela área interdita, abrindo um caminho do Paraibuna ao rio Pomba. Isso porque considerava que essas terras deveriam ser conhecidas para saber suas possibilidades e utilidades, mesmo porque já havia o boato de que havia aventureiros retirando ouro em terras fluminenses.

Em 16 de abril de 1784, o governador baixou uma portaria, determinando ao Sargento-mór do Regimento dos Dragões de Vila Rica, Pedro Afonso Galvão de São Martinho, juntamente com um conhecedor da região, o Coronel Manuel Rodrigues da Costa, e ao prático de catografia e minerologia, O Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), que deveriam se embrenhar na região proibida, Os Sertões, e verificar se havia ouro; a quantidade de gente que poderia explorá-lo, se haviam rios navegáveis; quais os habitantes que já haviam se estabelecido na região; se a terra era própria para estabelecer patrulhas e calcular a distância em que a região se achava dos centros mais populosos.

Por volta de 12 de maio, a missão partiu de São Manuel do Pomba e chegou ao Paraíba no dia 22, abrindo uma picada pela Mantiqueira. Verificaram que a margem direita já havia sido invadida por garimpeiros clandestinos chefiados por Mão de Luva, que estavam muito bem armados e prontos para defender-se. Uma vez que essa área já estava fora da jurisdição de Minas, encerraram a missão, interrogando pessoas, prendendo suspeitos e comunicando ao governador de Minas. Este avisou a autoridade da capitania invadida, o Vice-rei, D. Luiz de Vasconcelos e Souza. Embora tenha dado início à desinterdição da área dos sertões, o governador de Minas despertou também a antipatia do Vice-rei, que chegou a acusá-lo perante a Coroa como um contraventor da lei de interdição.

Após a informação do Sargento San Martinho de que a região estava sendo explorada ilegalmente, o Vice-rei mandou cercar a área pelo lado da Serra. Porém, como as autoridades de Minas não faziam o mesmo patrulhamento pela Zona da Mata, a conquista da região foi dificultada aos fluminenses e facilitada à exploração ilegal dos mineiros. Com a crise do ouro em Minas Gerais agravada pelos excessivos impostos criados pela Coroa, ainda mais pessoas buscavam lugares onde não tivessem que dividir tanto com Portugal. O líder desse grupo era Manuel Henriques, o Mão de Luva. Em torno de sua origem, existem várias versões, a mais romântica é de que em 1758, Mão de Luva, ou Manoel Henriques, o Conde de Santo Tirso, acusado de conspirar contra a Coroa, consegue se livrar da pena graças à Princesa D. Maria, filha do rei D. José I, porém ele foi exilado no Brasil. Sua lenda apresenta duas diferentes versões para o uso constante de uma luva negra na mão direita: a primeira delas é a que essa já referida mão por ter sido beijada pelo seu grande amor em momento de despedida deveria ficar imaculada, resguardada pela luva; a segunda relatava que o contrabandista teria hanseníase e a usava já para esconder a deformidade, consequência da doença em questão. Porém, o que pode ser comprovado através de pesquisas documentais é que Manuel Henriques realmente era português, porém, nem ele, nem sua família constam nas listas de documentos referentes a títulos de nobreza em Portugal. Não há nenhuma referência a ele em

relatórios de crimes praticados contra o rei D. José I. Sabe-se que era um criminoso dotado de grande inteligência e liderança: invadiu com a família e mineradores as proibidas terras fluminenses. Com ele, estavam, seu irmão, Antônio Henriques, Tulano Rodrigues, Teotônio F. Ribeiro, Áuvaro Maciel e outros. Como residia com a família no lugar da igreja nova do Xopotó, era chamado de Mão de Luva do Xopotó, outros o chamavam ainda de mulato ativo e atrevido, que já entrou em muitas desordens e, em uma dessas, perdeu a mão.

Seu grupo partiu do atual município do Carmo, percorrendo a margem direita do Paraíba, subiu falcando em seus afluentes, ou o Rio quilombo, ou o Paquequer até atingir o rio Negro junto a desembocadura do Córrego do Gavião, a três quilômetros, achou ouro em boa quantidade. Estabeleceu, nesse local, um povoado com mais ou menos 200 pessoas, assim não precisavam pagar o quinto e nem ter que vender o ouro pelo preço fixado pela Coroa, porém tinham que viver isolados. O ouro era escoado por Cachoeiras de Macacu pelo mediador Maurício José Portugal, que tinha autorização para procurar ouro no leito do Rio Macacu, desde 1763, pelo Vice-rei Conde da Cunha. Os contrabandistas encontravam-se com Maurício no lugar hoje chamado de Banquete, “onde juntos aplaudiam o sucesso de suas aventuras”. Os contrabandistas também escoavam o ouro por Minas Gerais, onde ainda mantinham seus familiares e bens. De Minas, em lombos de burro, também vinham às provisões e escravos, passando pelo caminho da mata, aberto por San Martinho e Tiradentes, também participavam desse esquema militares corruptos. Esquema este que começou a ser desmantelado por um plano do governante de Minas, Cunha Meneses, após os negros Gonçalo e Antônio serem capturados na região, relatando como funcionava o contrabando. Cunha Meneses mandou chamar no Palácio do governo Mão de Luva, em 1784, entregando-lhe uma carta, autorizando o Sargento-mór que o aproveitasse nas diligências nos Sertões do Leste. Tudo isso para descobrir os segredos do grupo, porém esses contatos entre o contrabandista e o governador também deram margens à especulação de que Meneses passou a fazer parte da exploração ilegal, mas nada foi provado. O soldado Custódio P. de Faria e o Cabo José de Deus

Lopes fingiram-se de mascates para visitar o esconderijo dos contrabandistas e fizeram amizade com o grupo. Porém, o novo Vice-rei, D. Luiz de Vasconcelos e Souza, ao descobrir esses planos, puniu a todos e repreendeu até mesmo o governador, acusando-os de cúmplices de Mão de Luva. Quando Portugal recebeu a carta do Vice-rei, narrando esses fatos, imediatamente mandou reprimir com a invasão do arraial e prisão dos chefes. Também mandou, em 8 de janeiro de 1785, iniciar o povoamento da região, outra carta criticava o governo e atitudes de Cunha Meneses. Então a tarefa de acabar com o Arraial de Mão de Luva foi entregue à Polícia de Minas Gerais, já as tropas do Rio de Janeiro iam impedir que os contrabandistas fugissem pela região fluminense. Por razões desconhecidas, o governador de Minas, esperou por mais de um ano para realizar a missão; o Vice-rei o acusou de cumplicidade e má vontade. O governador Cunha Meneses prometeu a Mão de Luva legalizar a mineração. O Vice-rei espalhou um falso boato de que Mão de Luva havia fugido por terras fluminenses, portanto Meneses teve de abandonar o plano e atacar mais cedo o arraial. O Sargento-mór mandou na frente os falsos mascates, Soldado Antônio da Rocha e Cabo José de Deus levando toucinho e muita aguardente para embebedar os homens e enfraquecer sua vigilância, mandou ordem para que fechassem o cerco pelo Rio de Janeiro e Espírito Santo. No acampamento, os dois falsos mascates deveriam também convencer o grupo de rebeldes de que estava para chegar uma caravana com um grande número de mascates, tirar as escorvas das espingardas e, à meia noite, abrir as portas do Rancho. O Plano foi um sucesso, quando as tropas chegaram, os homens estavam bêbados e sem poder de fogo, sendo obrigados a render-se.

Cunha Meneses enviou os contrabandistas para serem julgados no Rio de Janeiro, mas ficou com os escravos, armas e ouro apreendidos, o que foi exigido pelo Vice-rei junto com os militares que, por ele, haviam sido considerados cúmplices. Mas o governador de Minas recusou-se a entregá-los, dizendo que os bens eram para indenizar Minas das despesas com a missão e que os militares não eram traidores, cumpriam um plano para enganar e prender Mão de Luva. Dessa forma o governador conseguiu

livrar seus homens e a si mesmo das investigações, os 13 chefes do contrabando foram condenados ao exílio na África. Existem duas versões para a morte de Mão de Luva: teria sido na viagem para a África e depois atirado ao mar ou levado para a masmorra da Ilha das Cobras, depois morreu no Extremo Sul do Brasil.

O governo da Metrópole estava deveras preocupado com a existência presumível de Minas auríferas na antiga Província. O Vice-Rei, D. Luís de Vasconcelos e Sousa, talvez acreditasse na evasão, em grande quantidade, do precioso metal, pelo vale do ...ou pelas cidades litorâneas próximas (...) Mão de Luva teria sido o aventureiro errante, ou o garimpeiro que percorreu as zonas Sertanejas das Margens do rio Negro, Grande etc., em companhia de seus assalariados ou escravos, sem contudo estar com a situação regularizada, por motivo, principalmente, de sonegar o pagamento dos impostos ou do dízimo rigorosa e devidamente reclamados pelo Governo.<sup>3</sup>

Após a prisão de Mão de Luva a Metrópole desinterditou a região e o Vice-Rei, D. Luiz Vasconcelos, concedeu sesmarias ao longo dos Rios Negro e o Grande.

O Capitão Francisco Duarte Malha foi nomeado para administrar o novo Distrito sediado em Cantagalo e fazer levantamento das jazidas de ouro nos rios da região. Antes de chegar à sede do distrito, a comitiva do Superintendente desembargador Manuel Pinto da Cunha e Souza, nomeado em 14 de setembro de 1786, veio verificando os rios da região e constatou que, no Rio Grande, mais ou menos a umas sessenta braças, havia uma grande cachoeira com boa formação e razoável quantidade de ouro, porém estavam mais preocupados com o Arraial de Cantagalo, assim surgiu a Freguesia do Santíssimo Sacramento, que abrangia quase toda a região centro-norte-fluminense.

O Superintendente dividiu as jazidas em datas, separou uma para a Rainha, uma para o Vice-Rei, a terceira para ele mesmo, a quarta para o guarda-mor e a quinta para o tenente examinador as outras 33 datas em Lavrinhas e Cantagalo, foram leiloadas conforme o número de escravos do interessado, que deveria ser, no mínimo, de 12. Todo ouro retirado deveria ser apresentado a

3-ERTHAL, Manoel. Bom Jardim- pág. 13

Casa de Registro, pesado e retirado o quinto. O garimpeiro recebia um guia de trânsito para poder trocar o ouro por dinheiro ou transformá-lo em barras na casa de Fundição do Rio de Janeiro.

O Vice-Rei ordenou que o Superintendente investigasse sobre boa quantidade de ouro, mais ou menos 3 arrobas, que Mão de Luva teria escondido antes de ser preso, porém nunca foi encontrado.

As lavras não eram muito abundantes e boa quantidade do ouro já havia se esgotado com a mineração ilegal. Então, o Vice-Rei determinou a pesquisa em outros rios da região. No Rio Grande encontrou-se ouro na superfície da terra e, a dois palmos de profundidade, uma pinta finíssima que se esgotou rapidamente, frustrando o projeto dos mineiros. O projeto foi sendo abandonado, passando-se aos poucos a se dedicarem exclusivamente à agricultura e à pecuária. Como as terras pertenciam à Coroa, não bastava simplesmente ocupá-las, era necessária uma autorização individual do governo metropolitano a pessoas que atendessem a determinados pré-requisitos. Para tomar posse, o interessado deveria ter recursos suficientes para povoar a área sem auxílio financeiro do Estado, declarando quantos escravos possuía e ser pessoa honrada. Os Títulos eram expedidos por delegados Del'Rei, ou o próprio Vice-Rei, as Cartas de Sesmarias. O donatário podia explorar a agropecuária, desde que pagasse o dízimo (10%) anualmente à MetrÓpole. Além de provar sua condição econômica, o interessado deveria indicar no requerimento a área de seu interesse, contendo características, que, muitas vezes, eram acidentes geográficos: uma pedra aguda, ou atrás de uma serra. A concessão era provisória, durante cinco anos, e o donatário tinha de provar que realmente efetuou o desbravamento e o cultivo, tornando a terra produtiva.

Muitas vezes, parte de uma sesmaria era doada a diferentes donatários, causando conflitos. Situação que começou a ser resolvida com o alvará de 25 de janeiro de 1809, proibindo essa injustiça e estabelecendo demarcações mais precisas. Constam nos arquivos de sesmarias em Bom Jardim, Padre Vicente

Ferreira Soares, Joaquim Macedo de Carvalho, em direção às Águas Claras; Antônio Jacinto Machado, em Santa Tereza (Banquete); e Mathias Correia da Rocha, junto à Pena. Porém, pretendentes que não tinham condições financeiras tomavam posse de áreas e só depois legitimavam essa posição conquistada graças a essa posse. Ao lado da aristocracia agrária surgiu uma classe média. E, enquanto nas sesmarias da classe mais privilegiada surgiram os grandes cafezais, nas sesmarias de classe média cultivavam-se também cereais, alimentos que alimentavam a região.

### 3-A Sesmaria de Bom Jardim:

Na seção do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, os documentos referentes às sesmarias mostram que o padre Vicente Ferreira Soares foi o primeiro desbravador dessa região. Em 1792, registrou-se a escritura da fazenda Bom Jardim, nome da localidade portuguesa de onde veio o padre, Sernanche de Bom Jardim, data de 8 de agosto de 1808.

A região foi dividida em sesmarias e distribuída com quem tivesse condições financeiras de explorá-la e que quisesse trabalhar essas novas terras. O padre Vicente Ferreira Soares requereu a sesmaria a 28 de junho de 1792, mas esta só foi concedida alguns anos depois do requerimento, em 1808, que é a data da escritura final que consta no Arquivo Nacional; segundo a qual estaria localizada ao lado da Fazenda Santa Tereza, recebida por Jacinto Machado, com uma média de tamanho de 10.890.000 metros quadrados.

Já com o príncipe D. João chegado ao Rio de Janeiro, foram feitas muitas concessões de largas áreas de terra na região de Cantagalo, como retribuição de serviços prestados por vários súditos, quando da implantação da Corte no Brasil. 4

Já a partir de 1810, várias famílias portuguesas e de Minas Gerais passaram a viver nos sertões de Macacu, se ocupando de incrementar a agricultura, plantando cereais, café e árvores frutíferas. A princípio, as terras eram grandes sesmarias, mas depois vão sendo divididas e subdivididas, através de compra ou de posse.

4-JACCOUD, Raphael L de S. –*História, contos e lendas da velha Nova Friburgo*- pág. 85

Pelo Bando de 18-10-1786, facultou o Vice-Rei Luís de Vasconcelos, as terras de Cantarola aos colonos, o que determinou uma corrente migratória. 5

A Fazenda Santa Teresa foi estabelecida por Antônio Jacinto Machado em 9 de outubro de 1789. A fazenda de Santa Bárbara foi estabelecida por João Soares de Viveiros, na quadra leste da sesmaria do padre Vicente Ferreira Soares, em 26 de abril de 1797.

*Algumas sesmarias de Bom Jardim:*

*Sesmarias....proprietários.....datas em que foram criadas*  
*Rancharia.....Padre Antonio José de Castro.....15-01-1790*  
*F. da Soledade..... Mathias Corrêa da Rocha.....1801*  
*F. de Santa Rita.....João D'Almeida Campos.....5-6-1802*  
*Manoel José Pereira.....1802*  
*Santo Antônio..João de Azevedo Tavares.....25-01-1809*  
*F. Nossa Senhora do Socorro.....Luiz Soares Moreno...25-01-1809*  
*F. Barra Alegre.....Francisca Roza da Camara.....1808*  
*..... Inventariada após a morte da proprietária.....1817*  
*F. de Boa Vista.....Antônio José Teixeira Penna.....9-1-1819*  
*F. Campo Alegre.....Manoel José Gomes do Couto....5-5-1807*

A partir de 1820, vieram para a região de Bom Jardim alguns suíços, eles estavam insatisfeitos com sua situação na Fazenda do Morro Queimado (Nova Friburgo) e se dirigiram às proximidades da fazenda Imperial de São José do Ribeirão. A localidade cresceu e foi elevada a categoria de freguesia de Friburgo em 1857. As primeiras mudas de café vieram do Maranhão em 1762 para o Rio de Janeiro, dali levadas para São Gonçalo (Baixada) e Resende (Vale do Paraíba). Destas localidades, foram trazidas para a região das Novas Minas de Cantagalo, onde o café se expandiu por toda a região, transformando as vilas e fazendas, sendo os seus fazendeiros ocupantes de cargos da hierarquia da Guarda Nacional (coronéis, capitães, etc.)



Segundo se tem notícia, o padre Vicente Ferreira Soares foi o primeiro a se estabelecer em Bom Jardim com sua família em 1792, tomando posse de meia légua na Fazenda Bom Jardim. Por isso, acredita-se que ele tenha dado esse nome à localidade, pois o padre havia imigrado de um lugarejo português com o mesmo nome.



#### ***4-A colônia Suíça- a vinda de suíços para Bom Jardim: Por que os suíços vieram colonizar Nova Friburgo?***

A Europa do século XIX estava vivendo o fim da era Napoleônica, o que inclusive trouxe o rei D. João VI para o Brasil, fugindo da invasão francesa. Era uma época convulsionada por conflitos internos, o que vai gerar muita pobreza, portanto, vir para a América significava a promessa de uma vida nova.

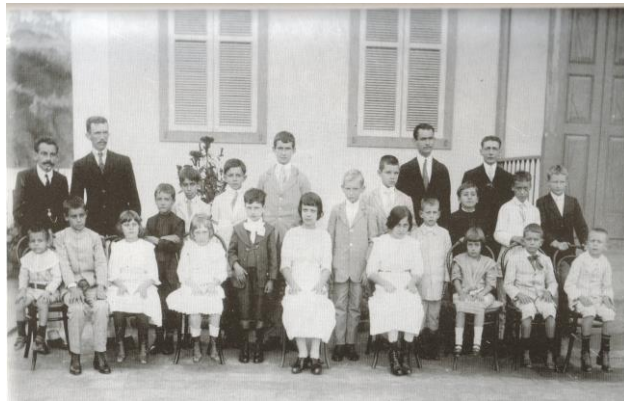
Em 28 de julho de 1808, D. João instalou-se no Rio de Janeiro, o Brasil passou a ser Reino Unido a Portugal e Algarves e a ter mais “liberdade” econômica com a abertura dos portos às nações amigas. O rei procurou desenvolver ainda mais o Brasil, para que ele pudesse dar maior conforto à corte. Mesmo com a volta da família real para Portugal, com o processo de independência organizado pelas elites brasileiras que conseguiram o apoio de D. Pedro I, esse processo de desenvolvimento não parou mais e custou o esforço de muitos para o conforto de poucos.

Após o Congresso de Viena em 1815, que redesenhou as fronteiras da Europa as quais haviam sido modificadas pelas guerras napoleônicas, alguns países europeus mergulharam em uma profunda crise, agravada pelo predomínio das mercadorias britânicas que levou à falência de muitas manufaturas de outros países, além disso, nas fábricas, houve greves, baixos salários, desemprego.

*Segundo Pontes: René-Ducotter, em seu romance Terre!Terre!, descreve que muitas pessoas angustiadas pela fome, chegavam ao extremo de retirar animais sepultos na neve para obter o provimento das proteínas que lhes eram escassas. 7*

A notícia dos europeus que tinham ido para os Estados Unidos fazer a América encheu de esperança o coração dos suíços. Foi nessa conjuntura que surgiu o projeto da colônia Suíça no Brasil no ano de 1917. Quando Sebastião Nicolau Gachet apareceu propondo uma nova vida, isso vai ao encontro dos desejos e das aspirações desse povo.

Descendentes alemães de João Erthal e amigos , na Escola Modelo organizada por seu filho Cel. Eugênio Erthal na Fazenda Poço D'Anta em 1914:



Muitas dessas famílias que vieram inicialmente para Nova Friburgo ( Morro Queimado) fixaram-se em Bom Jardim.

Segundo Pontes: A família Erthal, cujo Patriarca, Johann Muller Erthal, de Darmstadt, desposou Catarina Wermelinger, suíça de Lucerna, em 15 de fevereiro de 1830, tornando-se suíço-alemão toda a numerosa e bem conceituada progênie resultante. Os descendentes de João Erthal ligaram-se aos François Xavier Monnerat em reiteradas uniões matrimoniais, como também as famílias Tardin, Lemgruber, Stutz, Emerich, Hoelz, Heringer, Sanglard, Mortti, Lavourinha, Robadly, Carielo, Curty, Herdy, Montechiari e outras.<sup>8</sup>



***Por que D. João trouxe suíços para colonizar Nova Friburgo?***

Um dos motivos do rei de Portugal, D. João, montar uma colônia suíça no Brasil partia de uma visão preconceituosa de que os brancos eram superiores aos negros, portanto era preciso povoar este país com brancos. Além disso, era necessário trazer para a colônia mão de obra especializada, como relojoeiros, artesãos, carpinteiros, etc.



O agente do Cantão de Fribourg, Nicolau Sebastião Gachet propôs ao imperador D. João VI a criação da colônia que, a princípio, era para ser em Santa Catarina, porém, das

negociações, resultou um documento assinado em maio de 1818, no qual ficou estabelecido que viriam 100 famílias, sendo naturalizadas no Brasil na Fazenda do Morro Queimado, atual Nova Friburgo.

D. João firmou contrato para mais ou menos 600 pessoas, mas vieram 2000. Durante a viagem passaram por fome, mau cheiro, ratos e doenças. Muitos morreram e só desembarcaram no Rio de Janeiro 1800 pessoas que, em comboios de carroças, viajaram para Morro Queimado. Essa viagem demorou dias e várias mulheres e crianças morreram.



Chegaram à Fazenda em 1º de janeiro de 1820 mais de 1800 pessoas, ou seja, foram embarcadas 271 famílias. Outro fato importante era que a colônia era suíça, mas a supervisão e a organização da colônia era de responsabilidade de portugueses, como o inspetor Monsenhor Padre Malheiros Miranda.

O responsável pela colônia seria o Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros que ficou encarregado de comprar a fazenda do Morro Queimado (atual Nova Friburgo), pertencendo, na ocasião, à grande fazenda Cantagalo (produtora de café).

Segundo se sabe, o Monsenhor Miranda comprou a fazenda do dono Monsenhor Almeida, bem como as datas de Antônio Ferreira Guimarães e Manoel de Souza Barros e uma quarta sesmaria em São José do Ribeirão, revendendo-as para o governo português pelo triplo do preço, que foi considerado um escândalo na época. Depois foi incorporada a sesmaria do Córrego D'Anta.



Na fazenda do Morro Queimado era uma confusão!  
Afinal, naquela época, construir 100 casas longe do Rio de Janeiro não era fácil. Árvores foram cortadas, animais foram mortos. Além disso, as casas muito simples não comportaram as quase 1800 pessoas.



Outros fatores importantes do fracasso de muitos colonos suíços em Nova Friburgo foram a má qualidade do terreno para a agricultura de café e outros produtos que podiam ser vendidos; a superlotação das casas e a pouca autonomia dos colonos em relação à organização da colônia, o que levou muitos destes colonos a procurarem outras terras para se fixarem, terras como as de São José do Ribeirão, Lumiar, Bom Jardim, entre outros.

Essa saída dos colonos suíços contribuiu também para dar continuidade à colonização de Bom Jardim e a das regiões vizinhas.

Segundo J. M. Mayer: Na colônia suíça, os alimentos eram caros, morreram mais de 131 colonos nos primeiros seis meses, e as terras demarcadas eram retângulos de 100 braças por 750; muitos em áreas elevadas e de difícil acesso, portanto muitos se dispersaram:

A má distribuição de terras juntamente com a dificuldade de vencer a mata e iniciar a lavoura levaram inúmeros colonos a desistirem do intento. Viram-se diante da alternativa de permanecerem miseráveis na Vila ou buscar novas terras e ocupações.<sup>9</sup>

Os problemas de moradia, a pouca fertilidade do solo, a má administração da colônia e os conflitos ocorridos entre grupos levaram muitos colonos a deixarem Nova Friburgo em busca de terras mais férteis e de melhores condições de vida em Lumiar, São José do Ribeirão e Minas Gerais.





Com não poderia deixar de ser dito, embora conhecida como suíça brasileira, ideologia cultivada pelas elites friburguenses, a história de Nova Friburgo foi construída a partir da exploração de muitos para o enriquecimento de poucos.

Sabendo-se que, apesar do projeto de uma colônia suíça no Morro Queimado, a História da Região é anterior à montagem desta; além disso, os suíços não governavam a colônia, pois os dirigentes políticos e religiosos eram portugueses, já nomeados antes da chegada dos colonos.

Alguns anos após a chegada dos suíços, chegam à colônia 320 alemães da religião luterana, alguns destes também iriam para os municípios vizinhos.

Foto da família do vereador Alfredo Louback ( Descendentes de Alemães) 1906



### **5- Escravidão, agricultura e ocupação da terra:**

Um mapa e uma derrota da sesmaria de Bom Jardim, datando de julho de 1857, traz a assinatura de seus proprietários, sendo a “maioria” de origem portuguesa e alguns de origem suíça: Joaquim Dias De Oliveira, André Silveira de Souza, Segismundo Rodrigues do Rosário, José Teixeira de Lemos, Manoel Teixeira de Chagas, Chenebly & Irmãos representados pelo sócio Joaquim José Chenebly, Antônio Furtado de Castro, Antônio Vicente Ferreira das Chagas, Agostinho da Costa Moreira, João Baptista Vasques, José Alves de Macedo, Luís José Velozo, Maria Benedicta de Souza, Antonio Teixeira d’Andrade e outros.

O decreto nº 969 de 13 de outubro de 1857, nº 19, cria a freguesia de São José do Ribeirão:

*“ART. 1º.- Fica ereta em Freguesia, com a mesma evocação- a Capela de São José do Ribeirão, no município de Nova Friburgo.*

*ART. 2º.- A nova Freguesia terá por limite de um lado as vertentes do Ribeirão de Santo Antônio, a linha de Números Coloniais, a fazenda Imperial, as vertentes de Pedra Branca e Rosário e, de outro lado, os atuais limites da Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo.”*

Em 05 de setembro de 1858, foi lavrada pelo tabelião João Caldeira de Ivarenga Barbosa, na Vila de Nova Friburgo, uma procuração da Sociedade Fundadora da Freguesia de São José do Ribeirão, que encontra-se na margem esquerda do rio lhe deu esse nome, entre duas colinas.

Pouco a pouco, o café vai se transformando no principal produto da região, transformando-a em uma das regiões mais prósperas do país, utilizando-se a mão-de-obra escrava, como é visto no inventário dos bens da falecida Francisca Roza Câmara. Essa mesma dona Francisca, considerando que não tinha escravos suficientes, doou parte de suas terras, com a autorização do rei, a Manoel Vieira do Espírito Santo:

Fazenda Barra Alegre: Requerida em 1808 e inventariada em 1817. Citei o inventariante Guarda Mor Manoel Vieira do Espírito Santo (...) bens de raiz, escravos e dívidas a quantia de sete, Quatrocentos e sessenta e oito mil cento e oito reis (...) casa de vivenda coberta de telhas, paiol, moinho, monjolo, senzallas e uma casa grande de madeira de *lei rolissa*. 10

As famílias portuguesas e depois as famílias suíças e alemãs vindas de Friburgo utilizaram a mão-de-obra escrava, mas utilizaram também a mão-de-obra livre familiar, estabelecendo prósperas fazendas de produtos diversificados, mas principalmente de café.



Muitos escravos da Antiga Fazenda Morro Queimado e das sesmarias da região onde hoje está Bom Jardim, Cantagalo, Cordeiro e municípios vizinhos, devido aos maus tratos, fugiam, formando quilombos na região de São Pedro (Nova Friburgo) e São José ( Bom Jardim). Muitas vezes, esses quilombos eram invadidos, destruídos, e os escravos capturados pelos colonos. No final do século XIX, foram os imigrantes italianos, espanhóis, libaneses, sírios, turcos, entre outros que vieram se juntar aos portugueses, suíços e alemãs, impulsionando a colonização de Bom Jardim.

#### ***6- De pequeno povoado a Município:***

Com o plantio do café, utilizando-se a mão-de-obra escrava negra, rapidamente a floresta foi derrubada. Árvores de grande valor foram ao chão e as poucas que eram aproveitadas, foram utilizadas na construção das próprias instalações da fazenda, pois faltava gado para transportá-las. Imensas queimadas eram realizadas gerando grande desperdício e degradação ambiental. Grande parte da floresta nativa foi sendo substituída pelos cafezais, desmatamento, este que, aliado a técnicas rudimentares de plantio e a um relevo acidentado, com o passar das décadas, foi causando a erosão e empobrecimento do solo.

Com a grande produção de café em Bom Jardim e São José do Ribeirão, café este que era transportado em lombos de burros através da Grande Serra e levado a Porto das Caixas, se fez necessária a agilização do transporte, visto que o transporte em lombos de burro era muito cansativo para os animais e o tropeiro. Estes passando com dificuldades por trilhas e pequenas estradas na serra, o que ainda piorava com as constantes chuvas. Era, pois, um transporte muito lento para a valiosa carga.

Em 1850, antes da construção da nossa primeira ferrovia. Em idas e vindas entre a Serra e o Porto, chegaram a trafegar anualmente pelo caminho de Petrópolis cerca de 100.000 burros, o que explica o desenvolvimento da indústria de ferraduras como principal fonte de renda de algumas fazendas desse trajeto. 11

Em 1860, é inaugurada parte da estrada de Ferro Cantagalo, de Porto das Caixas a Cachoeiras de Macacu. Em 1873, de Cachoeiras à Nova Friburgo e, em 1876, de Friburgo a Cantagalo. Com a inauguração da Estação Ferroviária de Bom Jardim em 1875, o lugarejo supera São José do Ribeirão em número de casas. Com a continuidade desse crescimento, em 25 outubro de 1886, é elevado à categoria de distrito policial pertencente a Cantagalo e, em 21 de novembro de 1887, passa à categoria de Distrito de Paz .

Com a abolição da escravatura em 1888, houve um abalo na economia de toda a região produtora de café, entretanto, após pouco tempo, as fazendas bom-jardinenses voltaram a prosperar, uma vez que utilizavam também a mão-de-obra familiar livre.

O governador do Rio de Janeiro, Francisco Portella, cria, em 24 de março de 1891, um município englobando Bom Jardim, Cordeiro, Macuco e o Município de São José do Ribeirão. Entretanto os poderosos locais faziam oposição ao governador, e a criação desses municípios não dá certo. O governador é deposto, e o novo interventor, Carlos Balthazar da Silveira, que governa de acordo com os interesses dos poderosos locais, promulga a Constituição do Estado em 1891.

Em 1892, quando assume o governador José Tomás da Porciúncula, seu secretário, Miguel de Carvalho, dissolve, por razões políticas, os municípios de Cordeiro e São José que voltam a pertencer a Cantagalo e a Friburgo. Com a realização de um censo em São José e Bom Jardim, para verificar qual o de maior população para ser a sede do Município, Bom Jardim que é mais populoso e tinha um grupo de políticos mais poderosos, é elevado à categoria de município, enquanto São José passa a ser seu segundo distrito. O município foi desligado de Nova Friburgo em 17 de dezembro de 1892, mas, até o início do ano seguinte, ainda esteve subordinado à Nova Friburgo, pois as eleições e a instalação da câmara só ocorreram em 05 de março de 1893, data que passou a constar como da emancipação política do Município. Barra Alegre passou a ser distrito em 1906 e Banquete em 1924.

Em 31 de dezembro de 1945, uma lei estadual mudou o nome de Bom Jardim para Vergel que significa jardim, pois já havia mais 3 cidades no país com o mesmo nome, o que provocou a indignação da comunidade. Só em 20 de junho de 1947, o município volta ao antigo nome.

### ***7- A questão política por trás da criação do município:***

Após a Proclamação da República em 1889, o governo republicano precisava do apoio político para governar, por isso o presidente do Rio de Janeiro, como era chamado o governador do Estado, Francisco Portela; fez uma série de negociações com as elites locais para conseguir esse apoio. Criou órgãos públicos, desmembrou e anexou territórios e foi assim que elevou São José do Ribeirão à categoria de Município em 06 de julho de 1891. Esse fato agradou a uns e desagradou a outros que tinham duras críticas ao governador, exemplo disso, foi o líder político, Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.

Com a renúncia do Presidente da República, o marechal Deodoro da Fonseca, o governador Portella, perdeu o apoio político, o que levou os seus opositores a ganharem força para formar um movimento subversivo, principalmente no interior. Mesmo dispondo de força policial, Portela não tinha o apoio do novo presidente, por isso, renunciou em 10 de dezembro de 1891, e o Marechal Floriano nomeou para substituí-lo, até as eleições para presidente de Estado, o contra Almirante Carlos Baltasar da Silveira, como vice-presidente provisório o Dr. Miguel J. R. Carvalho. Portanto, assim que o novo presidente do Estado, Dr. José Thomaz de Porciúncula, foi eleito em 24 de abril de 1892 e assumiu em 03 de maio de 1892, teve a imediata aprovação deste grupo de bonjardinenses descontentes que conseguiram seu apoio, o governador nomeou o Dr Miguel como Secretário do Interior . Outra prova do prestígio político do Dr. Miguel J. R. de Carvalho é que ele compareceu ao quartel general ao fim da Revolta da Armada , organizada por Custódio de Melo, quando o presidente Floriano Peixoto apresentou-o aos oficiais. Fez grandes esforços a favor do governo Porciúncula. Este

contentamento dos políticos bonjardinenses fica claro neste trecho do Jornal Bom- Jardimense :

...começa para ele o período em que com calma, desassombro e imparcialidade será feito o julgamento da administração de um dos mais adiantados e futuros Estados da União, nos difíceis tempos deconsolidação da República brasileira.<sup>12</sup>

Graças a esses esforços do Dr Miguel e das elites locais, chamados de “miguelistas”, uma vez que seguiam a liderança dos representantes do jornal “Bom Jardimense” de Miguel de Abreu e Lima Pereira Coutinho que lutavam pela fixação da sede no atual distrito, juntamente com os coronéis Luiz Corrêa da Rocha Sobrinho, Eugênio José Erthal e Antônio José Maria Monnerat, o novo governador tratou de, apenas 5 dias após sua posse ,procurar agradá-los e, em 08/05/1992, suprimiu o município de São José e, no dia 17 de dezembro de 1892, criou o Município de Bom Jardim.

Da data do início de funcionamento do município em 1893 ao ano de 1922, o município foi administrado pelo Chefe do Poder Executivo do Diretório Municipal. Essa função era exercida pelo Presidente da Câmara, organização política funcionou que até a posse do 1º prefeito de Bom Jardim.

A sessão solene de instalação da Câmara foi em 5 de março de 1993 e contou com a participação do presidente do Estado, Dr. José Tomás da Porciúncula, os vereadores eleitos e políticos locais. Nessa solenidade, foram empossados o presidente da Câmara Dr. Manoel Ferreira de Figueiredo, seu vice, Américo Ferreira da Rocha. O último presidente da Câmara a administrar Bom Jardim foi o cel. Antônio José Maria Monnerat.

*12-Jornal Bom- Jardimense – pág 2 de 06/02/1895:*

Em 31 de julho de 1922, foram empossados o 1º prefeito, Dr. Péricles Correia da Rocha e os vereadores, passando a câmara municipal a exercer somente o poder legislativo, sendo seu presidente eleito novamente o cel. Antônio José Maria Monnerat. Em 1924, a família Erthal deixou de apoiar o prefeito e passou a ser oposição. Através de jornais e relatos de antigos moradores, percebe-se que eram constantes os confrontos políticos entre a família Erthal e Correia da Rocha.





#### ***8- Dados Bibliográficos dos primeiros administradores de BJ:***

Dr Manuel Ferreira de Figueiredo: Médico nascido no município de Rio Bonito, foi o primeiro Presidente da câmara e administrou o município da solenidade de instalação da câmara em 5 de março de 1893 , a junho do ano seguinte, período em que prestou importantes serviços ao município. Entretanto como era um momento de grande instabilidade política, com problemas políticos tanto em relação ao presidente da República, quanto a aceitação do Presidente da Câmara, renunciou em 7 de junho de 1894.

Cel. Antônio José Maria Monnerat: Foi o último presidente da câmara a exercer a função de chefe do poder Executivo Municipal no período de 1916 a 31 de julho de 1922. Filho de Henrique Monnerat e de Maria Rosalina Marchon Monnerat, nasceu a 1º de novembro de 1852, na Fazenda Rancharia do Sul, propriedade de seu pai e faleceu em 10 de agosto de 1925, em sua Fazenda Jequitibá, era neto dos imigrantes Francisco Xavier Monnerat (\*1773) e Elisabeth Koller (\*1778), casal que veio da Suíça para ajudar a colonizar a região no projeto do Morro Queimado em 1820.

O Coronel Antônio J. M. Monnerat prestou muitos serviços ao município: a construção da cadeia pública, da Paróquia, do telégrafo e a criação da Comarca, por isso, em 1º de novembro de 1928, foi inaugurado um Busto seu em frente à igreja Matriz de Bom Jardim.

Dr Péricles C. da Rocha: Filho do Coronel Luiz Corrêa da Rocha e D. Eugenia Boechat Corrêa da Rocha, nasceu em 09/09/1888, casou-se com D.Júlia De Sá. Estudou no Colégio Anchieta de Nova Friburgo- R.J, em 01/05/1912.

Em São Paulo, formou-se em direito no ano de 1911. O primeiro carro a circular pelas ruas de Bom Jardim em 1912 era de sua propriedade.

Foi Diretor Presidente do Banco Agrícola de Cantagalo S/A, diretor de vários jornais bom-jardinenses e primeiro Prefeito do Município, em 1922. Nos anos de 1927 e 1928, foi Deputado Estadual.

Foi pioneiro na instalação de luz elétrica no Município. Após a Revolução de 1930, transferiu a sua residência para o município

de Itaocara e, no segundo distrito (Laranjais), assumiu a direção da Fábrica de Açúcar, propriedade de seu pai. No Engenho Central, Laranjeiras, instalou fábricas de álcool e éter, refinarias de açúcar, fábrica de tecidos e a Fábrica BUSI, posteriormente transferida para São Miguel, em nosso Município.

Construiu dois clubes sociais, sendo um recreativo e outro agrícola, campos de esporte com arquibancadas e totalmente cercados, cinema com moderna aparelhagem, hospital com mesas de operações, aparelho de raios-X, gabinete dentário e farmácia.

Estabeleceu bolsas de estudos para os alunos necessitados.

Os empregados da CIA. Engenho Central Laranjeiras dirigido por Dr. Péricles residiam em casas confortáveis e bem equipadas com luz elétrica, instalações sanitárias, fogão econômico e água cuidadosamente tratada, as crianças da localidade e das fazendas anexas tinham escolas gratuitas.

Ele mantinha ainda um padre, um médico e um farmacêutico que residiam no engenho para o atendimento imediato aos empregados.

Foi Prefeito do Município de Itaocara.

Em Bom Jardim, fez as seguintes doações:

Terreno para o Estádio 1º de Maio, área para a construção do atual posto de saúde, Ginásio de Bom Jardim, Casa das Damas de Caridade.”

Além dessas doações, o terceiro Distrito- Banquete- recebeu a terra para construção da Escola Estadual Dr. Péricles C. Da Rocha, o Posto de Saúde e o terreno para o Parque Infantil, hoje Quadra de Esportes.

Faleceu no Rio de Janeiro em 03/10/1969. Após o falecimento, sua esposa doou vários de seus bens para melhoramentos no município. (fonte- Jornal Classitudo)

Os prefeitos de 1922 aos dias de hoje (algumas obras e acontecimentos importantes):

1922 a 1927- Dr Péricles Corrêa da Rocha: Entre suas obras, estava um ringue de patinação, com uma pracinha onde hoje fica a rodoviária e foi inaugurado o relógio da Igreja Matriz;

1927 a 1930- Antônio Ferreira da Rocha Sobrinho:

08/01/1930 a 27/10/1930- Dr Péricles C. da Rocha: Em julho de 1930, passou pela primeira vez um aeroplano pelos céus do

município. Com a revolução de 1930 que deu fim à República Velha e colocou Getúlio Vargas no poder, o governo municipal foi dissolvido e indicada uma junta governativa até 30/11/1930.

30/11/1930 a 19/09/1932- Gastão Glicério de Gouveia Reis: Com a crise do café, muitas lavouras bonjardinenses são lentamente substituídas por pastos e outras culturas;

19/09/1932 a 20/10/1932: João Figueira Rodrigues (interino)

20/10/1932 a 1934-Gastão Glicério de Gouveia Reis: Fundação da Santa Casa de Bom Jardim onde foi construída a parte nova do cemitério ao lado da Emater em 1933;

1934 a 1935- Dalni Figueira Rodrigues (interino);

1935 a 16/02/1936 - Floriano de Castro Faria;

02/1936 a 08/1936 - Armando Jorge Pereira Lemos;

1936 a 1937 - Sebastião Erthal (é retirado do poder pela ditadura de Vargas);

1937 a 1941 - César Monteiro Junior: Inauguração da a Santa Casa;

1941 a 1943 - Celso Peçanha. Nomeado no governo ditador de Vargas pelo governador Amaral Peixoto para acabar com a rixa política entre as famílias, Erthal e Corrêa da Rocha que dividiam o mando da cidade. Celso Peçanha foi Governador do Estado do Rio de Janeiro em 1961 e depois foi Senador da República e Deputado Federal;

1943 a 1944 - José Nóbrega de Araújo: Em 31 de dezembro de 1943, o município passou a se chamar Vergeu (jardim);

11/1945 a 30/11/1945- Mozart Serpa de Carvalho (interino);

0/11/1945 a 30/11/1945- João Castelar (interino);

11/1945 a 03/03/1946-Álvaro Almeida do Vale (interino);

1946 a 03/1947- Mozart Serpa de Carvalho;

13/03/1947 a 19/10/1947- Edmo Erthal (interino): Bom Jardim deixa de se chamar Vergel e volta a seu nome original em 21 de junho de 1947;

1947 a 1951- José Guida: Depois de 10 anos sem eleições e com a queda de Getúlio Vargas, o município volta a eleger seu prefeito. A fábrica de caramelos BUSI é transferida para São Miguel em 1949. Em 1947 é criado o Ginásio Bom Jardim;

1951 a 1955-Edmo Erthal: Aprovação do projeto do Cine Bom Jardim em 1953. Em 1954, Bom Jardim possuía 37 aparelhos

telefônicos e foram inauguradas as novas instalações do cinema, também é inaugurada a nova sede da Sociedade Musical Recreio Bonjardinense ;

1955 a 1958- José Guida: Manoel Erthal escreveu seu livro “Bom Jardim, Estado do Rio de Janeiro” e é fundada a Sociedade Musical União Ribeironense. Inaugurado o prédio novo do Grupo Escolar Ramiro Braga;

04/1958 a 05/1958- Humberto Gonçalves Neves- A população freqüentava as areias brancas da Represa Maravilha para se banhar e ser ponto de encontro entre as famílias. Chega ao município os primeiros sinais de televisão, em 1958, já havia 5 aparelhos de TV;ajudava a organizar baile de carnaval dos negros.

1958 a 1963- Diácano Alves Vieira : Aliança entre os partidos PTB e UDN, surgimento do partido do governo ARENA e da oposição MDB. Inauguração da nova sede do hospital;

1963 a 1967- Walter Vendas Rodrigues : Após o golpe militar de 1964 através do qual será instalada uma ditadura no país, os 80% dos políticos do município são pressionados a se filiarem à ARENA (partido do governo). Ainda houve dois candidatos nas eleições de 1966 (MDB e ARENA), mas, após a eleição, o MDB foi extinto. É naquele ano também que o trem faz sua última viagem em Bom Jardim. Em 1964, é inaugurado o primeiro clube social, o Bom Jardim Motel Clube, atual Cambrás. Em 1965, é inaugurado o Estádio 1º. de maio. Em 1966, o trem deixa de circular;

1967 a 1971- Benedito Coube de Carvalho: Transferência da Sede da Prefeitura da Câmara para a antiga Estação de Trem;

1971 a 1973- Adelque Figueira Rodrigues: Em 1972 , inauguração da CELF, nova iluminação pública e calçamento do trecho que liga Bom Jardim a São Miguel;

1973 a 1976- Benedito Coube de Carvalho: o partido da oposição MDB volta a funcionar no município;

1977 a 1980- Mario Machado Nicolliello: Inauguração da Rodoviária, do posto do INSS, do posto avançado do Banco do Brasil, da Quadra de Esportes, Casa da Cultura, porém houve o falecimento do prefeito;

1980 a 1982- Expedito Antônio Caetano;

1983 a 1988- Benedito Coube de Carvalho: Construção do Prédio novo da Prefeitura e Quadra de Esportes de São José;

1989-1992 - Álvaro Daniel Nunes Guimarães: Principais obras: Ponte da Amizade entre o Loteamento Ornellas e São Miguel, Reforma da praça de São José do Ribeirão, construção da quadra de esportes coberta e Capela Mortuária em Banquete, novo Posto de Saúde de Bom Jardim, Construção da Escola Municipal Gov. Moreira Franco;

1993 a 1996- Paulo Vieira de Barros: Pavimentação de ruas e reestruturação do campo de futebol de Banquete;

1996 a 2000 - Celso de Freitas Jardim: Pavimentação de diversas ruas e estradas vicinais.

2000 a 2004 - Celso de Freitas Jardim (1º prefeito reeleito)

Algumas obras públicas: Usina de Reciclagem e compostagem de lixo, novo trevo de acesso a Bom Jardim, municipalização do hospital;

2004 a 2008 - Affonso Henriques Monnerat Alves da Cruz, reeleito para governar de 2009 a 2012: Bisneto do Cel. Antônio José Maria Monnerat, último Presidente da Câmara a exercer a função de prefeito do município.

Obras: Instalação da Creche-Escola Municipal Amanda Farias Almeida voltada para a educação ambiental no distrito de Banquete; Reforma do Cine Bom Jardim há anos desativado;

Construção do Galpão Cultural na Antiga Usina de Café do Coronel Luiz Corrêa; Reforma e ampliação de escolas; Construção do Ginásio Poliesportivo Edgar Erthal; Construção da nova sede da escola municipalizada César Monteiro no bairro Alto de São José- São José do Ribeirão; Instalação de um Condomínio indústria em Barra Alegre , fábricas em Bom Jardim e Banquete e isenção de impostos para empresas que se instalarem em Bom Jardim, com objetivo de criar empregos; Implantação da Farmácia Popular do Brasil- atendimento regional;

Implantação da Subestação de Energia Ampla em Córrego de Santo Antônio- Barra Alegre; entre outras.

2017-2020- Antônio Gonçalves: Ampliação do posto de saúde do centro.

### **9-A Estrada de Ferro Leopoldina:**

*Houve uma profunda relação entre a expansão do capital cafeeiro, a partir da 2ª metade do século XIX; e a criação e expansão da ferrovia, porém essa sobreviveu à decadência da economia do café, ganhando dinâmica própria durante décadas do século XX.*

*Quem teve as primeiras iniciativas junto ao Imperador D. Pedro II para a construção da ferrovia foi o Barão de Nova Friburgo Antônio Clemente Pinto. Este era proprietário de 23 fazendas entre Nova Friburgo e Cantagalo e vários palacetes, inclusive o Palácio do Catete no Rio de Janeiro. O Barão formou uma sociedade chamada de Estrada de Ferro Cantagalo, encarregada de construir e conservar a estrada de Ferro Cantagalo, ligando Porto das Caixas a Cachoeiras, inaugurada em 1860. Em 1873, já sob a orientação do 2º. Barão, é inaugurado o trecho que ligava Cachoeiras à Friburgo.*

*Em 25 de abril de 1871, o prolongamento até Madalena passando por Cantagalo é autorizado pelo governo provincial, seria inaugurado ramal em 1876 até Macuco. A intenção dos ingleses era que o ramal passasse por São José do Ribeirão, porém isso não agradou à população local que, demonstrando uma grande consciência ecológica poucas vezes vista e também preocupados com que as fagulhas do atrito do trem com a linha pudessem prejudicar os cafezais, exigiram a alteração do traçado, desviando-o para Bom Jardim, inaugurado em 7 de março de 1875, com a presença do presidente da província, o conselheiro Pinto Lima o que desenvolveu a vila. O prolongamento até Cantagalo é inaugurado em 1878. Em 25 de agosto de 1887, o Barão de Nova Friburgo vende a ferrovia à companhia Leopoldina Relway, empresa inglesa não ligada ao setor cafeeiro. Esse é considerado um momento de rompimento na relação café/ferrovia, gerando conflitos entre produtores e a ferrovia em virtude de problemas com prazos de entrega, taxas e fretes muito caros, causando prejuízos ao setor.*

*O Sr Alberto Torres, não tendo piedade dos que sofrem as funestas conseqüências de um ato, irrefletido ou proposital, emanado do seu governo, caprichosamente, esmaga o povo, impondo-lhe a obrigação de aceitar as novas tarifas da Leopoldina Railway. 13*

*Em contrapartida, a ferrovia exercia papel importante na vida de Bom Jardim, pois era local de recebimento e embarque de mercadorias, trazia e levava amigos e parentes, sendo ponto de encontros e despedidas, o que levou a um grande crescimento urbano ao seu redor, tornando-se uma área de grande densidade demográfica, porém ainda com características do mundo rural. O seu declínio e extinção, em 1966, mostraram que o transporte ferroviário não cabia mais no modelo de modernidade do país. Até o início da década de 30, as bases econômicas do município eram, principalmente, em torno da produção do café, como nos mostram os dados coletados no Jornal Bom-Jardinense:*

*O nº157, ano IV de 7 de novembro 1897, página 1, resume um pouco da produção do café no mundo naquele momento:*

*A produção anual da Venezuela era de 850.000 sacas; a da Costa Rica de 200.000 sacas, a do México de 400.000sacas; e o Brasil produzia 7.150.000 sacas, sendo que São Paulo produzia 3.750.000 sacas e o Rio de Janeiro 2.750.000. Nesse quadro, Bom Jardim e Cantagalo eram grandes produtores.*

*O nº 231, ano V de 9 de abril de 1899, página 3 do Jornal Bom-Jardinense mostra o movimento de café na estação do município e os principais produtores.*

*Em uma semana a estação despachou em seus vagões 426 sacas cujos produtores são os seguintes:*

*Miguel D'Abreu Coutinho: 158 sacas; João Antônio D'Aguiar: 74 sacas; Lindolpho de Macedo Castro: 70 sacas; Luiz Corrêa da Rocha Sobrinho: 59 sacas; Alfredo Friedmann: 37 sacas; João Feliciano Pinto: 16 sacas e João Pedro Ney: 12 sacas.*

*Porém, havia grandes gastos com a produção que faziam com que os lucros dos cafeicultores não fossem tão grandiosos assim, como nos mostra o nº 132, ano III de 16 de maio de 1897, página 3: Deveriam ser feitas pelo menos 3 capinas por ano, a ruação, a colheita, secagem e lavagem totalizando 8 000 contos por cada 15K de café e mais 5.125 com despesas com frete do trem, frete marítimo, direitos, suprimentos, carroto e descarga, além da comissão de 3% ao comissário , totalizando 13.125, como o café tipo 7 era vendido em média por 14.400 cada 15 K , restava ao produtor somente 1.275 por cada 15K.*

*Ainda sobre o plantio do café, o Jornal Bonjardinense relata que nos fins da década de 1890 os fazendeiros Luís Correia Rocha Sobrinho, João Luís Erthal e José Erthal receberam imigrantes chineses para trabalhar na lavoura, conforme especificava a lei Estadual nº 26 de 14/11/1892 que mandava contratar imigrantes chineses e japoneses.*

*Com a decadência do produto na economia nacional que provocou inclusive algumas falências de fazendeiros, as elites locais não conseguiram organizar um novo projeto que tivesse a força de manter o município na importância econômica que já havia alcançado. Com isso, muitas pessoas migraram para Nova Friburgo que já possuía um setor industrial mais elevado, principalmente de fábricas com capital alemão que se instalaram em 1911. Fato que não era novo no setor educacional, pois muitos jovens da elite bon-jardinense já iam estudar no município vizinho, possuidor de escolas reconhecidas com sistema de externato e internato.*



### **10- O cotidiano :**

*A rotina nas fazendas era parecida: o café era colhido, secado em grandes terreiros, estocados em sacos de lona, transportado em lombos de burro até a estação ferroviária. O produto que ficava em casa era destinado ao consumo durante o ano, socado em pilões de madeira, torrado em enormes panelas de ferro e depois moído para ser transformado em pó. O açúcar também era produzido em algumas das fazendas. A cana era cortada, moída no engenho ou enghocas movidos a burro ou à força humana. Depois de extraída a garapa, ia para tachos de cobre, onde era transformada em rapaduras, melados, puxa-puxa e açúcar mascavo, usado para adoçar o café e outras guloseimas como a fabricação de compotas de doces e principalmente de geléias e goiabada.*

*As casas eram iluminadas por lampiões e lamparinas, e a diversão, durante a noite, era contar histórias e fazer brincadeiras nos quintais. Depois os pais ou os avós se dedicavam a ensinar o catecismo às crianças. Dentro de casa, geralmente, havia um oratório para os vários santos de devoção da família e era comum, além das tradicionais velas acesas, oferecer moedas aos santos. Às vezes, essas moedas eram libras esterlinas e, se precisassem pegar emprestado, depois pagavam a dívida. As cantigas de roda e as brincadeiras eram ensinadas pelos mais velhos. As crianças ficavam responsáveis por tarefas como tirar leite, alimentar as galinhas e colher os ovos, entre outras. Durante o dia e aos domingos era comum, inclusive entre as moças, o passeio a cavalo para visitar os familiares e, às vezes, tomar banhos de cachoeira, pescar ou ir até a represa da usina, passando pela linha do trem. Os saraus e bailes na fazenda também eram motivo de diversão, alguns duravam do anoitecer ao raiar do dia. Quando eram ocasiões especiais como batizados, aniversários e casamentos, os convidados vinham de todos os cantos e os parentes que viviam mais distante vinham de trem e se hospedavam na casa da família. No meio do salão as*

moças recitavam poesias ou tocavam piano, eram chamados também músicos. Eram preparados doces com frutos da fazenda e quando o fazendeiro era mais abastado, trazia doceiras do Rio de Janeiro para preparar comidas mais requintadas, já as bebidas não eram problema; havia uma fábrica de vinhos perto da fazenda de Luiz Corrêa. Era comum receber hóspedes nas fazendas que, às vezes eram parentes ou amigos que passavam férias ou vinham passar alguns dias, as mulheres ajudavam nos afazeres domésticos e na preparação de doces, era momento também de se interarem dos assuntos da cidade. No dia em que iam embora, levavam como presentes frutas, verduras e, às vezes, até animais como porcos, galinhas e outros. Era comum que vigaristas abusassem dessa hospitalidade e boa fé das famílias do interior, aplicando vários golpes. Os mascates também visitavam as fazendas para vender utensílios, objetos de decoração, bebidas e comidas mais finas, jóias e outros pertences. Porém, boa parte dos alimentos era produzido na própria fazenda e o que precisava ser comprado, o fazendeiro mandava os colonos ou filhos mais velhos buscarem na venda. Tarefa esta que era muito dificultada no período das chuvas, em que as estradas ficavam em péssimas condições: animais e carroças atolavam no lamaçal e mesmo a pé as pessoas ficavam com lama até as canelas e tinham de trazer a carga nas costas. Durante esses períodos, secar a roupa era outro problema, no entanto resolvido colocado-a acima do fogão de lenha; a própria madeira tinha que ser colocada no forno para secar.

Outro momento de alegria para as famílias era quando um fotógrafo chegava para tirar as fotografias, as famílias vestiam seu melhor traje e pousavam todos para a valiosa lembrança.

As escolas eram raras na região, portanto, em 1914, o fazendeiro Eugênio Erthal pediu ao dono do Colégio Modelo de Cantagalo que instalasse um Colégio nas terras da Fazenda Córrego D'Anta, nele estudavam seus filhos, colonos, moradores das outras propriedades e parentes que, quando vinham de longe, ficavam hospedados, durante o período letivo, em sua casa. Além das matérias básicas, havia o estudo de língua estrangeira como o francês. As aulas eram ministradas durante o dia inteiro com pausa para o almoço e, às vésperas de prova, até após o

*jantar havia uma revisão de conteúdos. Era comum também que as moças das famílias mais abastadas estudassem piano, muitas o fizeram com a professora Mariquinha Carvalho. O Colégio Euclides da Cunha foi fundado em 1922, em São José do Ribeirão, pelo professor Batista, mas em 1927, foi transferido para Cantagalo. O Colégio Banquete, atual Dr Péricles C. da Rocha, foi fundado em 1925. O Ginásio Bom Jardim foi fundado em 1947, sob a direção de Messias Teixeira de Moraes. Em 1956, Bom Jardim já contava com 23 escolas primárias, sendo que 18 eram escolas estaduais.*

*Como era difícil ir à cidade consultar o médico que, muitas vezes, atendia a toda a região, os enfermos procuravam alguém que fosse conhecedor de ervas medicinais para as várias enfermidades. Ele preparava garrafadas com ervas, engessava com tala de bambu forrada com panos. Mesmo durante a epidemia de gripe espanhola que levou várias vidas na região e que apresentava como sintomas febre alta, dor de cabeça, falta de apetite e vômito, muitas famílias recorreram a esse tipo de tratamento que conseguiu evitar muitos óbitos. Essas práticas também foram adotadas quando doenças como tifo ou varíola atacavam alguma fazenda levando várias vidas. Quando necessário, às famílias recorriam ao farmacêutico da cidade que fazia o uso de remédios convencionais, mas também uso de sanguessugas para retirar as enfermidades. A maioria das mulheres tinha seus filhos em casa com parteiras. Só nos casos muito graves mandavam buscar um médico.*

*As festas religiosas eram um momento importante para as comunidades, tanto que, geralmente, era a época do ano em que se comprava uma roupa nova. Esse evento era mais um motivo de festa, pois muitas vezes as famílias iam de trem até Nova Friburgo para comprar as roupas. As festas de casamento das famílias mais simples também traziam pessoas de longe, geralmente os convidados e os noivos iam até a igreja em que seria realizada a cerimônia a pé, por vários quilômetros, e esse passeio já era o início de uma festa.*

*Outro motivo de reunião das famílias eram os velórios e enterros, a senhora Edith Rodrigues da Silva, em seu livro, “No tempo da Vovó”, narra um desses momentos de maneira bastante*

*engraçada, uma vez que escreve sobre a briga de um pastor com um padre, no distrito de São José do Ribeirão. Ambos encomendaram a alma de uma senhora católica, o que foi considerado uma afronta pelo padre.*

*A política dos coronéis também era sentida nesse cotidiano, pois o povo pobre dependia desses coronéis para conseguir trabalho, atendimento médico e outros favores; portanto, eles exerciam forte autoridade sobre essas pessoas, até mesmo na hora do voto. Essa massa formava um verdadeiro curral eleitoral: os eleitores eram trazidos pelos patrões até a porta da sessão, às vezes, na porta ainda havia soldados que ordenavam em quem eles deveriam votar.*

*Em relação aos crimes praticados, era comum, a princípio, o castigo no tronco, segundo relatos do livro de Manoel Erthal sobre um crime realizado em Bom Jardim em 2/11/1881 na Estação Ferroviária do centro da Vila, quando Antônio José dos Santos, o Bahia, matou a pauladas Manuel José Miranda. Bahia foi preso e posto no tronco do Armazém Belliene & Tinoco. No dia seguinte, 80 pessoas o obrigam a acompanhar o enterro até o cemitério, depois o matam também a golpes de pau e o deixam na estrada, coberto de folhas.*

*A crônica de Maria Eugênia, artista e escritora local, mostra um pouco deste cotidiano Bonjardinense:*

*“Morava lá pelos lados da Barra de Santa Tereza, bem depois do lugar conhecido por Macaco. Seu Olímpio era tropeiro estimado e respeitado por todos. Mulato baixo e bem fornido de corpo, sua barriga proeminente saltava para fora do abotoamento da camisa de algodão.*

*O sorriso aberto e franco mostrava algumas falhas nos dentes e ouro que luzia. Gostava de conversar e contar histórias, mas o que era mais peculiar em seu Olímpio era a sua filosofia de vida, simples, mas cheia de marcas e sabedoria.*

*Olímpio Galinheiro, para bem melhor dizer, pois teve época que vendia bonitas galinhas caipiras e frangos no ponto de bom ensopado. Trazia os animais pendurados num pau que atravessava por cima do ombro. Tinha o cacoete de passar a mão pelo rosto, no sentido lateral, da face ao queixo: os*

*conhecidos mexiam com ele, dizendo que era para tirar as pragas de galinha- e a mania ficou...*

*Na época que o conheci, ele transportava café com tropas de burro, fazendo o frete dos sítios para a usina de meu sogro, Dalny Figueira.*

*Na frente dos animais, vinha à madrinha da tropa: mula que tinha um sino pendurado no pescoço e servia de guia para que os burros de carga não se desviassem do caminho. Os balaies eram pesados por causa dos sacos de café que iam sendo depositados perto da balança, quando o Brito enfiava o sovelo, um tipo de faca arredondada, própria para retirar amostras, o que normalmente era feito em vários pontos dos sacos para verificar a qualidade e o ponto de seca dos grãos.*

*Enquanto os burros descansavam para beber água, seu Olímpio se encostava na mureta da varanda para tomar um café e dar um dedo de prosa que eu sempre apreciava.*

*\_ Quem tira fruta verde do pé está roubando do próprio corpo - dá uma mordida na fruta e joga fora, não espera amadurecer: nem come, nem deixa pros outros.*

*\_ Olha, dona Maria, qualquer mal-feito pode ser esquecido, mas o ladrão leva a fama para depois da morte.*

*E começa a contar: \_ Eu era ainda rapazote. Não tinha nem barba quando fui trabalhar na venda de Seu Flores. Meu patrão era um homem bom e muito exigente com o serviço: me dava boas carraspanas, quando eu merecia mas fazia um agrado ou outro quando estava de boa maré. Com ele, aprendi muitas coisas que me ajudaram por essas estadas da vida.*

*Aprendendo as manhas do comércio, fiquei ajudando no ofício de caixeiro; ficava atendendo no balcão. Tinha que ser esperto e observador: um olho no freguês e outro na mercadoria.*

*No sábado, de noitinha, o serviço apertava. A pé ou a cavalo, o pessoal fazia as compras da semana, bebia uma pinga e botava a conversa em dia. Seu Tuta era um deles, ficava calado, mais no canto e ia arrumando suas compras. Enquanto isso, pedia para ver as pedras de isqueiro: gostava de escolher ... Mas eu já tinha manjado a sua mania: ele esparramava as pedras no balcão e enquanto escolhia sempre enfiava algumas no bolso.*

*Aquilo começo a me incomodar: se falo com o patrão posso criar encrenca e ainda passar por faltar o respeito com o senhor mais velho; se fico quieto, ele pode perceber e ainda dizer que estou levando alguma gorjeta para deixar o freguês roubar. mas criei coragem e resolvi contar .Seu Flores deu um sorriso e me falou:*

*\_ Olha, garoto, foi bom você falar; é sua obrigação. Mas, por enquanto, vamos deixar como está. Seu Tuta é bom freguês, compra bastante, no fim do mês, acerta tudo direitinho. O lucro que ele me dá paga muitas pedras de isqueiro; por tão pouca coisa, não devemos criar um problema. Fica de olho, mas finge que não percebeu.*

*...Muitos anos se passaram. Eu me tornei adulto, me casei, mudei de moradia e de emprego.*

*Uma noite, me falaram que seu Tuta havia morrido. Fui na casa da família para participar do velório. Esse mundo é pequeno... lá estava o meu antigo patrão, seu Flores, que já havia se mudado do lugar há uma boa fêira de anos.*

*Como não havia ninguém para vestir o defunto, seu Flores se ofereceu e me chamou: *\_Olímpio, me dá uma mão! Seu Flores na cabeceira ajeitando a camisa e o paletó, e eu calçando as meias do finado. De repente, soltei o que já estava vindo na memória desde que cheguei. Escapuliu na língua sem que eu desse conta disso: “\_O senhor não sabe do que estou me lembrando... E Seu Flores respondeu rápido, com o antigo hábito de me chamar a atenção:**

*“\_Cala a boca, seu abusado, não vê que essa hora não é hora pra essas coisas?”*

*\_Não é que seu Flores, como eu, estava pensando nas pedras de isqueiro que seu Tuta guardava no bolso?”*

*Esta carta que me foi dada pela amiga Luciana Carriello Emrich, enviada de uma ancestral sua, Charlotte Hess Emmerich, a sua sogra que ficara na Alemanha. Esta carta, encontra-se hoje no Arquivo Estatal de Hessen, na Alemanha e mostra um pouquinho das dificuldades dos colonizadores:*

*“Caro sogro e sogra, espero que essa carta vos encontrem protegidos sob a benção de Deus. Hoje,19 de dezembro de 1824,finalmente estamos iniciando a nossa instalação no Lote.*

*Então pois, escrevo a vós outros, para contar como foi a nossa passagem. A nossa viagem não foi a desejada mas, ao menos, não tivemos o infortúnio de perder um de nós durante a viagem, o que aconteceu com alguns patrícios como os Daudt, que o Johann Daudt faleceu, ainda na viagem. O próprio pastor Sauerbronn perdeu sua esposa, durante o parto de um filho, em pleno alto-mar. O mais triste foi saber que nosso pastor teve que fazer a cerimônia da própria esposa. No decorrer da viagem, passamos por muitas tempestades. Alguns que morreram durante estes períodos, só eram entregues ao mar na manhã seguinte. Eram momentos muito tristes. Vendo tudo aquilo, eu só sabia pedir a Deus por minha família e por Johann, vosso filho que Deus me deu. Ele nunca foi tão esposo quanto agora. Até ele, que sempre foi reticente sobre nossa fé, orava junto comigo e nossos filhos pedindo a presença de Cristo junto a nós. Mesmo diante de tudo o que vivemos até o momento, posso dizer que “até aqui nos ajudou o senhor”. Já havia passados mais de noventa dias, não sei bem ao certo, e já era pouco além da metade do dia, quando o rapaz do alto do navio gritou, “Land! Land! Herr Kapitan, Land!! (Terra!Terra!Sr.Capitão, Terra!)”. Foi uma alegria sem tamanho para todos nós .Após tantos dias no mar, de que ainda guardo tanto temor, avistar a terra foi nossa felicidade.Quando chegamos à terra, o que mais nos impressionou no primeiro contato foi ver aquela gente de pele escura. Ouvimos falar que existia gente com pele mais negra que a nossa quando suja de carvão. Eu e vosso filho nunca acreditamos, até vemos com nossos próprios olhos. Eles são vendidos como nós fazíamos em Darmstadt, com os cavalos. Para nós, causou-nos muita estranheza ver aquela gente ser vendida como animais. Passamos ainda mais 12 ou 13 dias não sei ano certo, com incertezas. Foi nos prometido ir para tal Bahia, em Frankenthal. Entretanto, após alguns dias na hospedaria de passagem, onde fomos brindados com a visita de Vossa Alteza Real, o Príncipe Dom Pedro I, e sua esposa, a Princesa Leopoldina, que é nossa patrícia, recebemos também um senhor de pele queimada, que falava muito bem a nossa língua, nos comunicando que teríamos que seguir para um burgo de suíços, serra acima, no caminho a Macacu. O Johann e*

*alguns dos nossos não gostaram nada da mudança da palavra do Imperador, pois alguns soldados do Império, que são da nossa terra, nos diziam que serra acima não era lugar de se viver. Até os suíços não conseguiram viver lá. Diziam que a terra era muito ruim. As discussões que seguiram ao comunicado foram tão grandes que Jacob Heringer, patrício nosso, foi preso por que não queria ir para a serra acima. O Johann também quis enfrentar a polícia, mas eu pedi muito para que ele não fizesse isso e pensasse em nós e nos nossos filhos. Ainda bem que ele mudou de idéia. Acabamos indo então para o tal “Ville de Nouvelle Fribourg” Fazia ainda calor desde a nossa chegada, até nossa ida para a serra acima. Quando chegamos na vila, já era quase noite. Não pudemos ver muita coisa. O que ainda mais nos impressionou foram as montanhas, muito parecidas com a da nossa pátria. O Johann, quando olha para elas, às vezes chora de saudades. Só vim a ver vosso filho chorar aqui nesta terra. Esta jornada amoleceu nós todos. Às vezes também sinto vontade de chorar, mais pela saudade de vós outros do que pelas dificuldades que passamos até aqui. Só não me permito chorar, pois lembro das bênçãos que nosso Deus nos têm dado. Estamos todos bem, com vida e com saúde. Nosso Lote, que recebemos do Mons. Miranda, que é nosso Burgermeister, não é nada bom! A região é chamada “Froh-Hafen”, que para os nativos é Barra Alegre. Só se for ironia! Nosso lote é muito grande. Se eu falasse a vós as medidas, vós pensaríeis que ficamos ricos. Contudo, grande parte do nosso lote é montanha quase que só pedra, e o restante é um pântano que nos assusta. No dia que Johann foi visitar o terreno, quase foi mordido por cobras. Nosso socorro primeiro foram nossos visinhos, os Laubach, que estão no lote ao lado do nosso. Dista 1 hora da caminhada de onde o Johann decidiu construir nossa casa. Eles, também tementes a Deus, tem nos auxiliado como se fossem nossa família e nós, a deles. Seja o Sr. Werner Laubach, que nos ajuda a levantar a nossa casa, seja a Sra. Ana, com a comida e com as orações. Por vezes, reunimo-nos pra orarmos e ler a minha Bíblia. Ainda bem que a trouxe! Tem nos sido sustento muitas vezes. Vós sabeis que vosso filho nunca foi bom com as palavras, mas ele pede para dizer a vós que os ama e que sente saudades. Como escrevi antes, esta*



*jornada amoleceu a todos nós. Sinto que esta carta não transmita toda a saudade que está contida em nós. Sinto não poder expressar com abraços essa saudade. Vosso filho sente muito não ter dito em, pessoa, que os ama muito e que sente falta de vós. Sinto não ter meus pais para escrever, pois como sabem, a peste os levou antes da nossa partida. Sinto ter tido que partir. Mas, apesar de toda a saudade, apesar de todas as provações, sei que nosso Benigno Senhor nos proverá o nosso necessário. Sei que sua misericórdia para conosco tem sido infinita e sei que sua destra nos acompanha para onde formos. Vossos netos pedem que eu os diga que eles os amam. Sei que nosso adeus foi definitivo. Sei que não nos abraçaremos mais. Não teremos mais o nosso Natal, que logo se aproxima. Mas apesar dessa tristeza que por vezes nos assola, sei que será melhor para nós. Vosso filho é um homem maravilhoso a quem reaprendo a amar e sei que será vencedor, sob a proteção de Deus. Ficaremos bem! Na confiança de que esta carta vos encontrarão, nos despedimos. Eu, Johann, Johann Georg (faleceu em 27 de abril de 1824, em Cachoeiras de Macacu. Porém Charlotte não conta isso aos sogros, talvez, para poupá-los). Heinrich Johannes, George Phillip, Margarete, Charlotte, Johannes Conrad, nossa pequena Juliana e minha irmã, Margarete. Que as bênçãos de nosso Senhor Jesus Cristo sejam com vós outros e que esta carta vos confortem a distância e a saudade.”*

*Vila de Nova Friburgo, 10 de dezembro de 1824.*

### **11-Iluminação pública em Bom Jardim:**

*De 1893 até o final do ano de 1917, a iluminação pública na sede do município era feita por lâmpões a querosene. Havia um funcionário que, com escadas nos ombros, acendia-os todos os dias. Já a casa da Câmara Municipal passou a ser iluminada por lâmpões de gás acetileno cinco anos depois, pois a Portaria nº 16 de 05/05/1898, dava autorização ao Presidente da Câmara para instalá-los. Os 12 bicos de gás proporcionavam uma claridade muito superior aos lâmpões a querosene, destacando-se em torno da Câmara Municipal.*

*Em 1911, em muitas fazendas do município, foram instalados os gasômetros que, durante muitos anos, iluminaram essas residências mais afastadas.*

*A eletricidade só chegou a algumas fazendas do município em 1916, e, em 1917, começou a ser construída a Usina de Banquete na queda d'água com o mesmo nome, de propriedade do cel. Luís Correia da Rocha Sobrinho, destinada ao fornecimento de energia elétrica ao 3º. distrito e à sede do município. A concessão foi proposta à Câmara de vereadores e aceita pela importância de 3 000\$000. Em 30 de abril de 1929, a Usina Elétrica de Bom Jardim de Luís Monnerat & Rocha ficou com a concessão da iluminação pública do município cuja represa virou ponto de passeio dos moradores.*

Usina da Queda D'água  
Banquete



### **12-Religião e poder em Bom Jardim:**

*Durante o período colonial no Brasil, a Igreja Católica foi dominante e também a única permitida pelos governantes portugueses. A religião funcionou como uma demonstração de poder, e era o rei de Portugal que exercia o papel de chefe da igreja. Assim, ele era quem estabelecia o dízimo e dizia o que seria feito com o dinheiro; tinha obrigação de criar dioceses e paróquias, nomear bispos e padres. Por ordem governamental,*

*os padres deveriam acompanhar os cristãos onde quer que fossem, onde fossem os novos núcleos de povoamento. Por esse motivo, o rei D. João VI nomeou o padre Jacob Joye para presidir os ofícios religiosos em Friburgo e freguesias, com o seu assistente padre Arby. Em 11/01/1820, uma portaria estabelecia os poderes dos padres: confessar, fazer casamentos, benzer imagens, aprender a língua portuguesa e, no caso do padre Joye, pela distância do Rio de Janeiro, ele também podia benzer a óleo.*

*Foi dada a autorização para a construção de oratórios em São José do Ribeirão e em outras localidades. Esses foram considerados “os vigias” do poder do rei que regiam a vila e os distritos da freguesia, funcionando como que para legitimar as ações do rei. Mas, em 3 de março de 1825, o bispo do Rio de Janeiro chega a Friburgo para verificar os abusos nesses oratórios da freguesia, entre os quais estavam a contratação de capelões não oficiais, visto que, na época, ser padre era profissão.*

*Como Padre Joye atendia a todas as freguesias, sendo São José do Ribeirão a mais próxima, ele reclamava constantemente da distância e cobrava altos preços por suas obrigações, de maneira que poucos podiam pagar.*

*A Paróquia da Freguesia de São José do Ribeirão foi criada pela lei Provincial nº 969, de 13 de outubro de 1857, sendo que, já em 1835, foi edificada uma pequena capela na localidade com o nome de Nossa Senhora da Conceição por João Luís Ribeiro, porém era pouco visitada pelo padre Joye. Em 1880, o povo ribeironense, ajudado pelo Governo Imperial e pelo fazendeiro Manoel Ferreira da Rocha que doou a madeira, preparou a construção da matriz, inaugurada em 18 de maio do mesmo ano; em 1912, foi inaugurada, anexa à igreja matriz, a Capela da Sagrada Família de Nazaré.*

*Quando, em 1891, o poder do Estado se separa do da Igreja Católica, esta tem de se readaptar e depender somente dela mesma para manter sua força, para isso, sua propaganda se intensifica. Além disso, líderes locais que queriam prestígio político faziam doações à igreja, aplicavam recursos na construção de capelas.*

*A paróquia de Nossa da Conceição foi criada por um decreto de 3 de dezembro de 1912 pelo bispo D. Agostino Francisco Barrassi, e seguia os mesmos limites do distrito do Bom Jardim que, naquele tempo, incluíam Banquete. Foi nomeado, para vigário, o padre português Antônio Alves Mendes que, em 8/12/1912, rezou a primeira missa. Sua substituição ocorreu em 1916 pelo padre Carlos Rodrigues Sobreira. Depois que a igreja foi reformada e construída a torre, foi reinaugurada em 7 de fevereiro de 1920.*

### **13-As religiões protestantes:**

*O poder da igreja católica era tão forte que chegava a dificultar a vida de colonos que fossem de outras religiões. Portanto, em 1824, quando chegaram à freguesia de São João Batista os colonos alemães protestantes, houve muitos conflitos entre estes e os católicos, tendo o pastor Frederico O. Sauerbrinn, segundo relatos, passado fome, por causa da religião que representava. O padre Jacob Joye se enfrentava com o pastor Frederico Osvaldo Sauerbronn, e a direção da colônia negava ajuda aos protestantes. Isso demonstrava que a liberdade de culto estabelecida por D. Pedro I na Constituição de 1824 era pouco respeitada. Ficava explícito que a religião católica era a oficial, e os outros credos, na prática, marginalizados.*

*Em 1864, o pastor foi substituído pelo pastor João Gaspar Meyer e, sob seu pastorado, foi fundada a Igreja Luterana de São José do Ribeirão na qual o primeiro casamento foi realizado em 1889, entre João Emerich e Hortência Gripp, moradores na comunidade. A igreja da localidade do Córrego da Ponte em São José foi transferida para a cidade de Bom Jardim em 1905.*

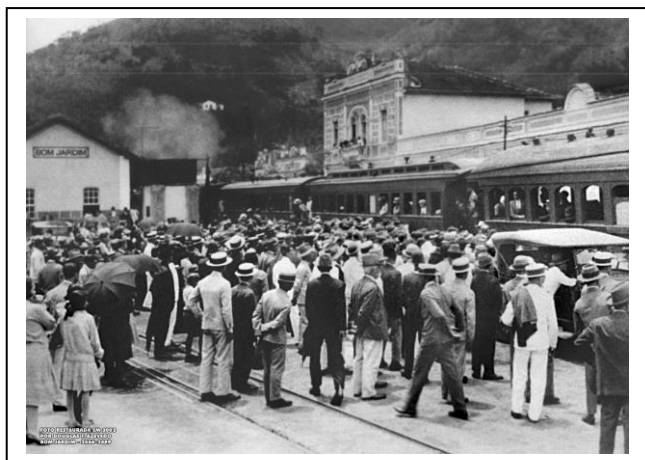
### **14-Momentos importantes do país em nosso município:**

*República velha: o Jornal Bom-Jardinense ano VI, de 29 de outubro de 1899 critica o governo de Floriano Peixoto,*

*comparando-o a uma Ditadura Republicana que macaqueava a França e afirmando que o senhor Alberto Torres, desafeto dos cafeicultores do município por viver aumentando as tarifas de transporte de café na ferrovia, transformava o Estado do Rio em seu feudo. O jornal afirma ainda que o Estado do Rio é reflexo da peste política que toma conta do país e elogia a coragem de Custódio de Melo (Revolta da Armada) em enfrentar as forças do Presidente Floriano Peixoto.*

*1915: o Jornal A Ordem, Nº 231 de 31 de outubro de 1915 critica o fuzilamento do jornalista brasileiro naturalizado, Fernando Bushman, pelo exército inglês por ter sido considerado espião e critica também o governo brasileiro por não tê-lo defendido.*

*A Revolução de 30: o presidente Washington Luiz foi deposto e foi instaurado o governo Vargas, a República Nova. Os revoltosos e as forças militares federais chegaram a Bom Jardim de trem, a população foi à estação para esperá-los. A foto desse momento tornou-se conhecida em todo o país, pois foi publicada na “Revista Doméstica” do Rio de Janeiro.*



*Os governadores e prefeitos foram afastados, como não podia deixar de ser, o prefeito de Bom Jardim, Dr. Péricles C. da*

*Rocha também o foi, sendo nomeada uma Junta Governativa Revolucionária que tinha a confiança do novo presidente para Bom Jardim, composta por Dr. Gastão Reis, Manoel Hildebrando e Jorge El-Jaick.*

*A segunda Grande Guerra Mundial: o governo ditador de Getúlio Vargas substituiu nomes latinos que lembravam o inimigo fascista, a Itália, por nomes indígenas e bem ufanistas, mesmo contra a vontade dos moradores. Bom Jardim teve o nome mudado para Vergel, e São José, para Paraim.*

*O Sargento José Borges da Fonseca, instrutor do Tiro de Guerra do município, organizou a “Campanha dos metais” em Bom Jardim. Essa tinha como objetivo angariar fundos para o aparelhamento bélico do Exército Brasileiro e, segundo o jornal “A Verdade”, página 3 de 22 de novembro de 1942, o sargento recebeu uma carta do Ministro da Guerra, agradecendo os 3 mil cruzeiros doados pelas famílias bonjardinenses. Durante a guerra, famílias de expedicionários se reuniam na sala de casa às 18 horas para rezar a ave-Maria pelo bem estar dos pracinhas brasileiros.*

*O fim da 2ª. grande Guerra Mundial foi comemorado com um grande churrasco na rua principal de Bom Jardim.*

*Fim do Estado Novo: Fim da ditadura de Vargas. A população pressionou, e os nomes tradicionais de Bom Jardim e São José voltaram: Bom Jardim em 1947, através de emenda à Constituição proposta pelo Deputado estadual bonjardinense, Dr José Luiz Erthal; e São José em 1949.*

*Os partidos políticos estavam de volta e, enquanto novamente se organizava o município, em 1945, Bom Jardim teve três prefeitos: Mozart Serpa de Carvalho, João Castelar e Álvaro Almeida do Vale.*

*Governo João Goulart: o Jornal “O Bonjardinense”, ano 2 de 28 de fevereiro de 1964, conclamava os brasileiros a lutar contra a crise, trabalhando e produzindo alimentos, pois produzindo-se o suficiente para consumo e exportação, a crise estaria solucionada.*

*Ditadura militar: Já o Jornal “O Bonjardinense”, de 31 de maio de 1965, na coluna de Roberto Appy, página 3, acusa a política econômica dos governos de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros*

*e João Goulart pela crise econômica e a inflação, justificando o golpe militar como a única saída para “salvar” a democracia.*

*Na foto fila da querosene no centro de Bom Jardim, utilizada para a iluminação da maioria das casas mais humildes e que foi racionada durante a 1ª. e a 2ª. guerras mundiais.*



### **15-Os distritos:**

*Como o livro conta com detalhes fatos históricos dos distritos de Bom Jardim e São José, serão melhores apresentados neste capítulo os distritos de Banquete e Barra Alegre:*

**Bom Jardim:** *No ano de 1865 Bom Jardim era apenas uma fazenda, de acordo com a seguinte lei:*

*“Decreto nº 1311 de 31/12/1865 (nº 16) - Fica a fazenda Rancharia incluída na Freguesia de N.S. da Conceição de Duas Barras e a Fazenda Bom Jardim pertencente ao Santíssimo Sacramento da cidade de Cantagalo.”*

*Era Presidente da província Domiciano Leite Ribeiro (Bacharel, depois, Visconde de Araxá).*

*Em 1874, a sede Fazenda Velha hoje chamada de Fazenda Bom Jardim (Luiz Corrêa), encontrava-se quase no mesmo lugar de hoje, porém a ponte do Rio Grande localizava-se 1 Km abaixo do lugar atual conhecido como Maravilha. O distrito cresceu muito com a passagem do trem pela vila, e a estação já funcionava meses antes da inauguração. Houve um grande crescimento da vila com o funcionamento da linha férrea.*

*Na estação Leopoldina de Bom Jardim, havia uma placa metálica de forma elíptica, com a seguinte inscrição: “E.F.Cantagalo- Com a presença do EXMO. SNR. Conselheiro*

*DR. FX. Pinto Lima- Presidente da Província do Rio de Janeiro. Foi Inaugurada esta Estação no dia 7-3-1875 - Estação Bom Jardim.”*

*O Presidente da Província, Bacharel Antônio Fernandes da Rocha Leão, promulgou a seguinte resolução em 1886:*

*“Deliberação de 25 de outubro de 1886- Fica criado um distrito policial com a denominação de “Bom Jardim” no município de Cantagalo- tendo por sede o povoado da estação do mesmo nome, da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Cantagalo e parte da de Nossa Senhora da Conceição de Duas Barras com os seguintes limites: partindo da barra do córrego Santa Tereza, na margem esquerda do Rio Grande, seguirá por esta mesma margem abaixo até a fazenda José Luís Berçot, próximo ao ribeirão do Socorro; daí, por esse ribeirão acima, compreendendo as suas vertentes, assim com as fazendas de José Antônio Serpa, Luis Veloso e Henrique Monnerat, e seguido desta, em linha reta, até as cabeceiras do referido córrego de Santa Tereza, descerá até o ponto de partida.”*

*Uma deliberação de 31 de outubro de 1887 alterou os limites do distrito policial de Bom Jardim na freguesia do Santíssimo Sacramento de Cantagalo.*

*Por uma Deliberação de 21 de setembro de 1877, foi criado o Distrito de Paz de Bom Jardim: “Fica criado um distrito de Paz no lugar denominado Bom Jardim”, da freguesia do Santíssimo Sacramento de Cantagalo com os limites que foram fixados pela Deliberação de 25/10/1886.”*

*Após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, foram criados e extintos municípios para organização da nova República.*

*Pelo Decreto nº 180 de 24 de março de 1891, Bom Jardim passou a fazer parte de Cordeiro: “ART. 1º Fica criado o município de Cordeiro - que compreenderá o Distrito de Paz do mesmo nome e os do Bom Jardim e Macuco, com respectivos limites.*

*Parágrafo Único: O novo município fará parte da comarca de Cantagalo, terá sua sede na povoação de Cordeiro que é elevado à categoria de Vila.*



Já pelo Decreto nº280 de 06 de julho de 1891 Bom Jardim passou a fazer parte do município de São José do Ribeirão: “O Governador, Francisco Portela, decreta: Art. 1º - Fica criado o município de São José do Ribeirão, tendo a sede na povoação do mesmo nome e constituída pela atual freguesia desta evocação, desmembrando do território do município de Nova Friburgo, ficando, porém, pertencente ao Distrito de São Pedro, da freguesia de São João Batista de Nova Friburgo, a parte do território separada por uma linha que, começando da pedra que fica em frente da situação de Henrique Emerich, se prolongue pela divisa que separa as terras do mesmo Emerich das terras de Augusto Sangy, continuando pela vertente que divide os terrenos dos herdeiros de Luis Tardín, até o alto do lugar “Macabu”, etc.”

Menos de um ano depois, o Decreto Lei nº 01 de 08 de maio de 1892 do Governador do Estado José Tomás da Porciúncula, acabou com o município: “Art. 1º.- Ficam suprimidos os municípios de Cordeiro e São José do Ribeirão, que passam a pertencer respectivamente aos Municípios de Cantagalo e Nova Friburgo.”

Em 1892, o Governador do Estado, executando a lei nº 06 de 02 de agosto do mesmo ano, mandou fazer o recenseamento do Estado no dia 30 do mesmo mês, cujo município tinha um total de 13.221 habitantes.

Pela lei Governamental nº 37 de 17 de dezembro de 1892 foi criado o município de Bom Jardim :

“Restabelece o Município de São José do Ribeirão com o nome de Bom Jardim.

Art. 1º- Fica restabelecido o município de São José do Ribeirão, a qual é anexado, desligado do de Cantagalo, o Distrito de Bom Jardim, que servirá de sede e dará o nome aquele Município que continuará a pertencer a Comarca de Nova Friburgo.

Art. 2º.- Revogam-se as disposições em contrário.”

A vila tinha uma rotina alegre e noites tranqüilas, exemplo disso é uma reportagem do Jornal “A Ordem” de 31 de Outubro de 1915, com a reclamação sobre os carreiros de boi que entravam de madrugada na vila, atrapalhando o sono das pessoas, mesmo

*com a lei municipal que proibia que fizessem barulho e uma dura crítica ao fiscal da vila que nada fazia.*

**Personagem importante:**

*Eugênio José Erthal: Participou ativamente do movimento pela criação e instalação do município. O mais jovem dos 11 filhos, do Patriarca dos Erthais, o Sr. João, nasceu na Pena, época em que a propriedade pertencia às terras integradas à Freguesia do Santíssimo Sacramento de São Pedro de Cantagalo, em 13 de agosto de 1854. Aos 6 anos, mudou-se para a Fazenda Santa Rita. Aos 31 anos, tornou-se proprietário da Fazenda Poço D'Antas em sociedade com os irmãos José e Francisco. Dois anos depois, já casado com Eugênia Maria Tardin desde maio de 1869 e com os filhos João Eugênio, Henrique, Alice, Manoel, Angelina, Antônio Godofredo, Carlos Augusto, José Maria, Argentina e Isa, tornou-se único proprietário da fazenda na qual foi morar com a família. Muito criativo, construiu a primeira máquina de beneficiar café de sua fazenda com a ajuda de Guilherme Gaspar Stutz. Fez parte da formação da primeira Câmara Municipal de Bom Jardim que foi instalada em 5 de março de 1893. Foi presidente da mesma no período de 1909 a 1915, época em o cargo equivalia ao de prefeito. Em 1907, foi nomeado pelo governador Alfredo Backer como Delegado de Polícia do Município. Suas principais obras, enquanto político: a canalização da água da Vila de São José do Ribeirão; colocação de bancos na praça da mesma localidade; construção de trechos da estrada para Holofote, entre outros. Faleceu em 9 de julho de 1941, aos 87 anos.*

**São José Do Ribeirão:** *Segundo a tradição, quem primeiro habitou esse lugar foi Mão de Luva, tanto que, após sua prisão, o vice-rei, Luiz de Vasconcelos mandou procurar, à princípio no povoado de Cantagalo, grande quantidade de ouro que o contrabandista teria enterrado antes de ser preso. Mesmo com muitas buscas, nenhum ouro foi encontrado. Durante muito tempo, questionou-se que essa riqueza poderia estar escondida em Bom Jardim na gruta conhecida como Furnas do Mão de Luva, o que permanece no imaginário de muitas pessoas, pois o*

*assoreamento do rio inundou as galerias mais profundas da caverna.*

*O fato é que o Distrito surgiu por volta de 1822, fundado pelo Pe. João Viviani e o Capitão José Elias Azeredo. A Fazenda Imperial de São José do Ribeirão foi comprada do Distrito de Cantagalo para a implantação do projeto de colonização suíça na Fazenda do Morro Queimado (Nova Friburgo). Porém, como o número de colonos que chegaram a Nova Friburgo foi muito superior ao esperado, aliado a fatores como má distribuição das terras, uma administração desorganizada, muitos colonos se dispersaram para outras regiões e muitos se dirigiram para as proximidades da Fazenda de São José do Ribeirão, conhecida como “Paíol do Rei”. A localidade se desenvolveu e a freguesia foi criada pela lei Provincial nº 969 de 13 de outubro de 1857. Situado à margem esquerda do rio que lhe dá nome, entre duas colinas, em 1892, São José do Ribeirão foi a sede Municipal criada pelo Governador Francisco Portella, porém, por interesse e força política das elites locais bom-jardinenses, no ano seguinte, foi transformado em 2º distrito.*

*A Paróquia foi criada em 13 de outubro de 1857, antes era a Capela de Nossa Senhora da Conceição, quando fazia parte da Fazenda São Simplicio e foi doada por uma das herdeiras de Dona Maria Soares. Os moradores organizaram uma comissão que conseguiu a posse definitiva do terreno. A igreja foi construída com blocos de pedra, cortados e lapidados por mãos de escravos da época.*

*No distrito, também funcionava uma Agência dos Correios com cerca de 114 anos e o Cartório do Registro Civil, com muitos dados históricos que foram transferidos para o 1º distrito pelo Governo Militar.*

## **Banquete**

*Versões referentes ao nome:*

1ª. Após o grupo de Mão de Luva montar um Arraial no lugar hoje conhecido com Cantagalo, escoava parte do ouro por Cachoeiras de Macacu. Encontrava-se o contrabandista com o mediador, Maurício José Portugal, que tinha autorização do Conde da Cunha para procurar ouro em Cachoeiras de Macacu, no local hoje conhecido como Banquete, mais ou menos no ano de 1765, “onde juntos aplaudiam o bom sucesso de suas aventuras”. Quando descoberto o contrabando Maurício José Portugal foi proibido de minerar na região. Mas os contrabandistas passaram a se dedicar à procura de ouro no Rio Grande, quando encontrado, o exploraram até quase o esgotamento do metal. Quando Mão-de-Luva foi preso, e os mineiros puderam minerar no rio, já conseguiram tirar muito pouco ouro, tendo de buscar seu sustento na lavoura.

2ª. Quando o naturalista Hermann Burmeister, no seu livro sobre viagens a província em 1851, refere-se à localidade, chama-a de BANQUETA, que significa pequena Cata, isto é, escavação que se fazia antigamente para mineração de ouro ou diamantes, que poderia ter sido feita pelos homens de Mão-de-Luva.

3ª - Segundo antigos moradores, quando D. Pedro I foi inaugurar a vila de Cantagalo em 1814, passou a cavalo pela então fazenda, onde provavelmente lhe ofereceram um banquete. Essa a versão mais conhecida e aceita.

4ª-Outros afirmam que, na verdade, o lugar só recebeu este nome em 1857, quando Cantagalo foi elevada à categoria de cidade e D. Pedro II, passando a cavalo, recebeu grande homenagem, inclusive pernoitando no local.

5ª - Em 1874, ao chegar o primeiro trem ao povoado em formação onde está localizada a sede do distrito, diversos fazendeiros ali residentes, juntamente com pessoas das imediações, ofereceram aos engenheiros, ao diretor e demais membros da companhia construtora da estrada uma farta refeição e, desde então, a localidade ficou conhecida com Banquete.

6ª- O termo Banqueta significa ainda vala artificial para a passagem das águas.

*Origens da Vila:*

*Frustrada a mineração de ouro no Rio Grande, os colonizadores passaram a se dedicar à agricultura. No início do séc. XIX, Banquete era apenas uma pequena comunidade, com casas com uma boa distância umas das outras. Os principais meios de transporte eram a pé, a cavalo, por carroças e por tropas de mulas, estas duas últimas usadas para o transporte de produtos locais, principalmente o café e também para ir até os comércios locais, chamados de venda, para a compra dos mantimentos da semana. Durante o período escravocrata, as pessoas da vila possuíam uns poucos escravos domésticos, que conviviam em suas próprias casas. O uso da mão-de-obra escrava só era maior nas fazendas, por isso ainda encontramos senzalas e objetos de tortura nas mais conservadas. Já no início do século XX, Banquete passou a constar nos registros oficiais com seu nome atual.*

*A fundação da Vila:*

*O 3º distrito foi fundado em **1924**, e seu primeiro escrivão foi Leôncio Caetano da Silva. Em 1930, passou a exercer o cargo o Sr. Pedro Hugo Folly que, afinal, em 1952, foi substituído pelo filho, Hércio Cid Folly.*

*Segundo o depoimento de antigos moradores, os resquícios do período escravocrata levaram essa comunidade a adotar hábitos de segregação racial até os anos 60, pois haviam bailes e bares separados para brancos e negros.*

*No auge do período da economia do café, este era o principal produto produzido em Banquete e, no município, o 3º distrito possuía duas usinas de beneficiamento de café: a menor de propriedade do senhor Argemiro Mesquita e a maior, que funciona até hoje, já pertencendo ao senhor Jorge Henrique, era de propriedade do cel. Luís Correia da Rocha Sobrinho e depois passado ao Dr. Péricles C. Da Rocha. Este possuidor ainda de uma pequena usina de energia elétrica que usava a força das águas da cachoeira para gerar sua força. Os donos dos sítios que produziam café transportavam o produto em tropas de burro até as usinas.*

*Segundo texto de Maria Eugênia Thomaz Figueira: “Na frente dos animais, vinha a madrinha da tropa, mula que tinha um sino pendurado no pescoço e servia de guia para os burros (...) para testar a qualidade dos grãos , enfiava-se entre a trama de lona o sovelo, um tipo de faca arredondada, própria para retirar amostras em pontos dos sacos , tanto para verificar a qualidade e o ponto de seca dos grãos.”*

*Esse transporte foi facilitado pela instalação da linha férrea com uma estação em Banquete, o terreno da estação, segundo Manoel Erthal, foi doado pelo senhor Argemiro Antônio Mesquita, naquela época, foram construídos também o cemitério e a igreja. Como a comunidade era bastante católica e o senhor João Lopes de Almeida e sua esposa Oscarina possuíam uma imagem de Sant’Anna vinda da França com mais ou menos uns 60 anos , a partir de 1870, em sua honra, eram realizados todos os anos pelos moradores missas em campo aberto, procissões, leilões e, durante o ano, um grupo de oração na casa do proprietário da imagem. Alguns moradores e, principalmente, Dona Constância Neves de Lima, funcionária dos correios, organizaram uma campanha de construção de uma igreja no distrito de Banquete após a doação de terreno pelo senhor João Lopes.*



*cavalo, em busca de ajuda nas estradas por onde passava (...) a igreja foi inaugurada em 6 de agosto de 1932, e a primeira missa realizada pelo padre Jorge.”*

*Segundo relatos do senhor Aurelino Lopes de Almeida e da professora Maria Amélia, a primeira escola da vila foi inaugurada em 1925, na casa do senhor João Lopes, com o nome de Escola Banquete, portanto completando em 2005, 80 anos de existência. Só em 1965, o Estado construiu o prédio novo para onde foi transferida a escola, em um terreno doado por Dr. Péricles C.da Rocha, hoje dirigido pela professora Kátia Maria Bravo Mello. Em 1976, passou a funcionar na unidade de ensino o segundo segmento do 1º grau (5ª. a 8ª. série) e, em 2005, depois de longos anos de tentativa, passou a funcionar o Ensino Médio (antigo 2º grau).*

*Em 1960, o senhor Samuel Sousa, funcionário da estação de trens e autor do hino de Banquete, junto a alguns moradores, como o senhor Gerson Mesquita, inaugurou o Banquete Futebol Clube. Infelizmente, em 1966, a estação de trem de Banquete, junto com a linha férrea, foram fechadas. O prédio da estação foi vendido a particulares e só em 2004 foi readquirido pela Prefeitura do município e voltou a pertencer à comunidade.*

*Algumas das famílias pioneiras:*

*Família Caetano da Silva: Procedentes da Ilha da Madeira (pertencente a Portugal), chegaram ao Brasil em 1846. A viúva de Caetano Ferraz D. Maria Cândida da Silva Ferraz acompanhada dos filhos: Manoel (14 anos), Antônio (12 anos), Francisco (10 anos) e Maria (8 anos). Permaneceram no Rio de Janeiro 10 meses, até virem para Bom Jardim. Compraram uma propriedade na localidade conhecida como “Buracada” próxima a São Miguel em 1851, D. Maria se casou novamente em 1851, com Manoel Garcia (Português). Os 4 filhos do primeiro casamento compraram o “Sítio Boa Vista” em Banquete. Em 1852, se mudaram para o sítio e, em 1868, resolveram se casar, sendo que Manoel casou-se com Maria do Couto Souza, Antônio com Felisbina Teixeira, Maria com João Gonçalves Correia e Francisco com Maria Gonçalves.*

*Família Dutra da Costa: Antônio Dutra da Costa chegou ao Brasil em 1800, com apenas 21 anos de idade. No Município de*

*Bom Jardim, adquiriu a sesmaria que partia da Ponte de Taboas, em Conselheiro Paulino, com escala pelo Catete, sede da sesmaria, atravessava a Pedra Branca, fazia limites no Laranjal, próximo de Ribeirão.*

*Banquete \_ Vila, sede do 3º distrito do Município de Bom Jardim. Possuía estação de Ferro Leopoldina pela qual era responsável o senhor Antônio Lúcio , o guarda chave e o senhor Samuel Sousa. Este distrito é atravessado pelo Rio Grande, à margem direita, corre a Estrada Tronco Norte Fluminense e hoje a RJ 116.*

#### **CONSTÂNCIA NEVES DE LIMA:**

*Nasceu a 28 de dezembro de 1901, no sítio Barra do Bengala, Banquete, 3º distrito de Bom Jardim, filha de Antônio da Silva e Constança Neves da Silva . Dos 12 aos 17 anos, estudou no Colégio Santa Dorotéia, cursando francês, música e, assim, desenvolvendo uma formação religiosa.*

*Lecionou de 1918 a 1920 na Fazenda Boa Sorte no município de Bom Jardim para o curso primário.*

*Casou-se aos 19 anos com Alcides Lima, teve 3 filhos , 13 netos e 8 bisnetos. Ficou viúva a 18 de julho de 1962.*

*Em 1922, entrou para o Departamento dos correios e telégrafos como agente postal, a agência funcionava em sua própria casa. Após 36 anos de serviços prestados, aposentou-se.*

*Dedicou-se à catequese. Em 1930, começou uma campanha para a construção da igreja, em terreno doado pelo senhor João Lopes. Como na casa do doador do terreno havia uma imagem de Sant'Anna, esta foi a padroeira da comunidade, sendo realizada, a partir de então, a tradicional Festa de Sant'Anna. A igreja foi inaugurada em 6 de agosto de 1932.*

*Em 03/04/1982, foi nomeada ministra da Eucaristia. Após campanha realizada em 26 de julho de 1982, com a presença do Bispo Dom Clemente, inaugurou o salão da igreja.*

*Faleceu na manhã de 06 de abril de 1998 aos 96 anos depois de muitos serviços prestados à comunidade.*

#### **Barra Alegre:**

*Origem do nome: O lugar atual da Fazenda Barra Alegre, à margem direita do afluente do rio Santo Antônio, o córrego*



*Kleim, não é seu lugar de origem. Visto que essa surgiu por volta do ano 1800, perto da foz do mesmo córrego, requerida por uso capião por quem desbravou suas matas, o guarda mór Manoel Vieira do Espírito Santo. Por ser perto da foz, recebeu o nome de “Barra” e como nela eram realizadas muitas festas, recebeu o nome definitivo de Barra Alegre.*

*Formação e fundação do distrito: A esposa do guarda mór, Francisca Vieira da Câmara, requereu ao rei, D. João VI, as terras devolutas no “Corgo da Onça”, nos sertões de Macabunhas “Novas Minas de Cantagalo”, situada a leste da fazenda que o marido já possuía. Como toda petição tinha de ser justificada formal e com os motivos da mesma, alegou que não tinha terras próprias e entretanto possuía muitos escravos e desejava empregá-los na lavoura. Quando Francisca faleceu, em 1817, deixou as 2 fazendas de herança para as filhas ainda pequenas, Maria e Floriania Vieira da Câmara sob a guarda e tutoria do pai. A Fazenda de Barra Alegre pertenceu depois a um senador do Império que mudou a sede para o lugar atual. Por não ter conhecimento algum de como lidar na agricultura, fracassou. A fazenda foi vendida por Joaquina Marques ao fazendeiro Francisco Gevigier. Seu filho Jacques Gevigier construiu o prédio da sede atual, que depois passou a ser propriedade de Felipe Aleixo Tardin e, mais tarde, de Climério Tardin.*

*Já a sesmaria de Santo Antônio, na parte inferior de Barra Alegre, foi requerida em 1823 ao Imperador D. Pedro I, justificando na petição seu desejo de dedicar-se à agricultura. A sentença de medição e demarcação da meia légua de terras foi lavrada por José de Castro e Souza, juiz ordinário da Vila de São João Batista de Nova Friburgo.*

*De 1857 à 1891, Barra Alegre estava incluída no distrito de São José do Ribeirão, pertencente a Friburgo. Em 21 de outubro de 1906, o governador do Estado Nilo Peçanha, pela lei nº 734, criou o distrito de Barra Alegre como o 3º. distrito. Este foi instalado com farto almoço e comemoração. Participaram da festividade, comitivas de vários lugares do município, chegando a mais ou menos a oitenta pessoas; elites locais e a lira Bom-jardinense participaram de farto banquete na casa do coronel Francisco José Erthal e, depois, seguindo para a sede do distrito*

*que levou muitos líderes políticos à localidade, sob o som da Sociedade Musical Lira Bonjardinense. Estavam presentes o Dr. Eugênio de Moraes, Juiz Municipal do termo; Quirino A. Melo, Juiz de paz do novo distrito; Gastão da Câmara Barreto, vereador que falou em nome do município; Dr Barros Júnior , juiz do município; o Sr. João Caputo , promotor adjunto e membros das famílias: Tardin, Melo, Corrêa da Rocha, Erthal, etc.*

#### **16-O Brasão do Município:**

*A serra representa a região montanhosa onde se localiza Bom Jardim;*

*A locomotiva a vapor foi o meio de transporte usado durante mais de 50 anos e que trouxe grande progresso à região;*

*O “N” Napoleônico e os cisnes são uma homenagem ao poeta Júlio Salusse;*

*A cabeça de boi representa região pecuarista;*

*O café e o Milho representam de dois importantes produtos agrícolas no passado e presente;*

*A flor de lis exalta a padroeira do Município, Nossa Senhora da Conceição;*

*A data 1893 refere-se à data de emancipação do Município e 1929 à data de elevação à categoria de cidade ( sede do Município);*

*O escudo português lembra a origem lusitana do Brasil.*



### **17-Aspectos Físicos:**

*Bom Jardim está localizado na parte central do Estado do Rio de Janeiro. Possui uma área de 520 Km<sup>2</sup>, uma altitude de 574 metros em relação ao nível do mar na sede do Município e fica a uma distância de 139 km da capital do Estado. Sua latitude é de 22°. 10'00'' Sul e longitude 42°24'30'' Oeste. Estende sua área pelas vertentes da Serra do Mar, banhadas pelas águas do Rio Grande.*

*Divide-se em 4 distritos : 1° , Bom Jardim, 2° , São José do Ribeirão, 3° , Banquete, e 4° , Barra Alegre.*

*O ponto mais alto é no Alto do Tardim , em Barra Alegre, com altitude em torno de 1250 m, e o ponto mais baixo fica em frente de Santa Rosa do Rio Grande , na Sede do Município em torno de 445 m. O território do município é bastante montanhoso, notando-se várias serras nas divisas, entre elas, as de Macabu, Velha, Rosário, Arrasto, Santa Rosa e Águas Claras.*

*Clima: Bom Jardim, em geral, tem clima agradável, embora tropical de região de serra é temperado e seco. No inverno, a temperatura média varia entre 13° e 16,8°. No verão, varia entre 18,3° e 21,4°, porém, com o desmatamento e o aquecimento global do planeta, esta temperatura vem se elevando.*

**Vegetação:** *O município possui matas e capoeiras com variedades de árvores, mas muitas áreas de Mata Atlântica foram desmatadas, causando graves danos aos mananciais.*

**Sistema Hidrográfico:** *O Rio Grande nasce na Serra de Nova Friburgo, entra no Município no lugar denominado Catete, atravessa Banquete, 3°. Distrito do município, ao chegar ao 1° distrito e sede do município, forma a cachoeira Bom Jardim onde, durante muitos anos, funcionou a usina elétrica e foi ponto de encontro e lazer das famílias bonjardinenses. Segue seu curso em direção ao Rio Negro, com quem faz confluência, depois de um percurso de aproximadamente 150Km. São seus afluentes: na margem direita, o Rio Bengala, o Córrego da Buracada, os rios São José e Santo Antônio. O rio São José nasce na Serra de Macaé, próximo a Amparo, atravessa o distrito de São José e recebe pela Margem direita o afluente Ribeirão do Capitão; pela margem esquerda, o Córrego da Saudade, desaguando no Rio Grande no lugar denominado Furnas do Mão-de-Luva , depois*

*de um curso de 60 km. Já o Rio Santo Antônio nasce na Serra de Macaé, atravessa o distrito de Barra Alegre, recebendo, na margem esquerda, os córregos “61” Novo, Fazenda Velha, Trapiche e Ipiranga e, pela margem direita, o córrego dos “Klein” (formado pelos córregos Macabu e Pedra Aguda, Onça, Monnerat), desaguardo no Rio Grande, depois de um percurso de aproximadamente 40km. Já os afluentes do Rio Grande na margem esquerda são os córregos do Rosário e Santa Thereza, Floresta, Águas Claras e Socorro.*

*Solo: Cerca de 90% do solo do Município pertence ao Grande Grupo dos Latossólicos e aproximadamente 10% é constituído por solos Hidromórficos e Litossólicos. Entre os Latossólicos, temos as seguintes unidades:*

*40%(LOP)- Latossólico Alaranjado Podzólico*

*20%(LRP)-Latossólico Vermelho Podzólico*

*20%(OL)- Latossólico Alaranjado*

*10%(RL)- Latossólico Vermelho*

*Estes solos apresentam deficiência em cálcio, fósforo e magnésio e com um teor relativamente regular em potássio.*

*A erosão atua com bastante intensidade, portanto é de grande importância a defesa do não desmatamento das encostas que são muito propensas à formação de voçorocas.*

*Bandeira do Município:*

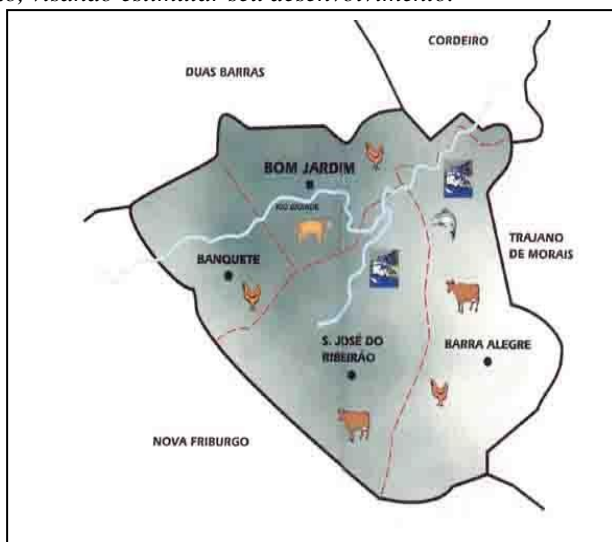


### **18-Atividades econômicas:**

*Pecuária: criação de gado bovino leiteiro e de corte bovino e suíno. Criação de frango de corte e poedeiras.*

*Agricultura: inhame, aipim, café, batatas, milho, entre outros.*

*Tanto a agricultura quanto a pecuária precisam de investimentos, pesquisa, bem como de planejamentos público e privado, visando estimular seu desenvolvimento.*



### **Indústria:**

*Breve Histórico: Durante muito tempo, a principal representante deste setor foi a fábrica “Busi” em São Miguel, teve origem no Rio de Janeiro, à Rua Rodrigues Alves e, em 1949, foi transferida para São Miguel, onde antes era uma usina de café. Em 1950, produzia caramelos, doce-de-leite, passou a receber leite e açúcar do engenho central de Laranjais, passou a produzir chocolates, drops, ovos da páscoa e bombons, com leite vindo da Holanda, cacau da Bahia e a matéria-prima das famosas pastilhas Vick do Rio de Janeiro. A fábrica era de propriedade de Dr. Péricles Corrêia da Rocha. A produção, além de consumida na região, era vendida para o Rio de Janeiro e até outros estados. Chegou a contar com 210 funcionários, na*

maioria, de moças que atuavam em máquinas elétricas de embulhar produtos. A fachada possuía um letreiro, onde Busi era iluminado com painel de 150 lâmpadas que chegavam a iluminar parte de São Miguel com várias casas dadas pela fábrica. A pensão Casa Verde, posteriormente Escola Luiz Corrêa que hoje funciona no CIEP, abrigava os funcionários que não residiam em Bom Jardim; em 1960, a fábrica foi fechada.



Além disso, havia várias olarias que produziam telhas, tijolos, vasos, etc. As principais eram a de Carlos Erthal em Barra Alegre; em Banquete a de Antônio Lopes de Almeida; na Pedra Branca, de Aracrionte da Silva Neves e, no Alto de São José, a cerâmica “São Jorge” de Crésio Coelho Caetano e a de Antônio Reis. Havia também várias usinas de beneficiamento de café, entre as quais, três no 1º. distrito e nos demais distritos. Também funcionavam máquinas de beneficiar arroz, engenhos de cana, moinhos de fubá particulares e algumas padarias. No início dos anos 70, foram abertas a Calçados Bom Jardim, fechada por um grande incêndio, e a Comave NO, fechada no início do nosso século.

Hoje, Bom Jardim possui várias confecções e pequenas fábricas, porém esse setor precisa de grandes incentivos e investimentos, principalmente na produção de energia elétrica que não seria suficiente para a instalação de grandes fábricas, pois um número considerável dos empregos nesse setor vem de Nova Friburgo. No setor de comércio e serviços, o município possui várias lojas, supermercados, bancos, hotéis, farmácias, escolas e etc.

### ***18-Cultura, arte e Lazer:***

*Rinque de Patinação, construído em 1927 pelo prefeito Dr Péricles C. da Rocha. Com a remodelação do antigo jardim da cidade, o rinque possuía um coreto com vidros importados no teto, onde, aos domingos, se apresentava a banda , enquanto, até altas horas, jovens patinavam. Foi desativado e demolido em 1937 para a construção de um jardim de infância, que não chegou a ser edificado, devido à localização entre duas ruas, sendo considerado uma perigo para as crianças e pela poeira provocada. Foi instalado, nesse local, um posto de saúde que, após alguns anos, foi desativado e passou a ser freqüentado por mendigos. Por isso, foi demolido e construído o terminal rodoviário. As únicas lembranças do rinque são algumas de suas colunas que foram utilizadas no coreto em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição.*



### ***Grupos musicais, bandas e a Sociedade Recreio Bonjardinense:***

*Vale falar de outras bandas que demonstraram vocação musical do município. Nas fazendas, se formou um grupo integrado, inicialmente só por negros descendentes de escravos ou ex-escravos, o Grupo dos Macedo, na Pena.*

*Na sede do município, se formou a Lyra Bonjardinense, do maestro Antônio José de Carvalho, que tocava em vários*



*momentos festivos importantes, como a instalação do distrito de Barra Alegre em 1906.*

*A Sociedade Recreio Bonjardinense foi fundada em 12 de outubro de 1900, poucos anos depois da emancipação do município por um grupo de ilustres bonjardinenses. Seu primeiro maestro foi o italiano Caetano Zucchi. Foram seus fundadores: Francisco de Paula e Silva Torres, João Feliciano Pinto, Manoel Monteiro da Silva, Emílio Friedman, Emílio Sampaio, Felipe Mandur, Manoel Alves de Souza, Antônio Ferreira da Rocha Sobrinho e Antônio Gonçalves de Mello. Em 7 de maio de 1914, quando era maestro Luís Guarino, a Banda ganhou em um concurso de música em Nova Friburgo uma medalha de ouro oferecida pelo “Círculo dos Italianos Unidos”. Medalha esta que foi oferecida ao Presidente da República Amaral Peixoto para ajudar na compra de um navio de guerra para a Armada Brasileira e que foi encaminhada pelo prefeito Celso Peçanha.*

*Banda Sociedade Musical União Ribeironense: Idealizada pela professora Edith Rodrigues da Silva, após comentários de seus alunos sobre a beleza da apresentação da Banda Campesina de Nova Friburgo. Ela conseguiu o auxílio do músico da Euterpe Luiz Gonzaga Caputo Faria, e os estudos de música tiveram início em 1957.*

*Cinema: Foi construído em 1912. Em 13/10/1912, foi realizada uma sessão, utilizando um motor movido à gasolina, mas o combustível acabou e, como ninguém possuía mais na vila, a 2ª sessão foi transferida, o proprietário era Salvador Mandur. O Cine Bom Jardim foi inaugurado em 10 de janeiro de 1954 com o filme “Vale das Sombras”, contando com os projetores mais modernos da época, os americanos da marca Century que funcionam até hoje.*

*Em 1º de abril de 1956, sob a liderança do prefeito Edmo Erthal, foi reinaugurado e implantado som estereofônico de 4 faixas magnéticas que só existiam 8 no Brasil, o Cinema Scope da Century Fox, fazendo do cinema um dos mais sofisticados do país, exibindo o filme “Duelo de Paixões”.*

**Lazer:** *Durante muito tempo, a população conservou o hábito de fazer bonitos passeios à cachoeira do Rio Grande, às margens da usina de energia elétrica. O jornal A Ordem de 18 de abril de*

1912, inclusive descreve um destes momentos que reuniu os sócios do clube Carnavalesco Satélites de Saturno com bandeiras de várias nacionalidades e com um enorme pão de carne de 2 metros de comprimento.

Na década de 60, os rapazes bonjardinenses tinham como principal ponto de encontro o “Ponto Chic”, atual loja Monjolo, pois raramente uma moça podia freqüentar um bar naquela época. Era o local onde havia partidas de bilhar e sinuca, de sueca e carteadado e da espera para a hora de acompanhar uma serenata além de ser o local de saída para bailes, cinemas e namoros em outras cidades. No pavimento superior, eram realizados bailes, porém esse local não resistiu à chegada da modernidade.

**19. Artistas e intelectuais:** Alcebíades Pires Ribeiro, jornalista; José Nelino de Mello advogado e autor de diversos livros sobre a língua portuguesa.

Marino Pinto: poeta e compositor, Marino do Espírito Santo Pinto nasceu em 18 de julho de 1916, em Bom Jardim, filho de Diogo Feliciano Pinto e Mari Madeireira Pinto. Quando criança, foi estudar no Colégio Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro e, mais tarde, cursou a Faculdade de Direito, que deixou por sua verdadeira vocação, o samba.

Compôs centenas de músicas e muitas delas ficaram nas paradas por muito tempo.

Seus intérpretes preferidos: Elizeth Cardoso, Dalva de Oliveira (amiga pessoal e comadre), Isaurinha Garcia, Ellen de Lima e Linda Batista.

Marino Pinto morou sempre no Rio de Janeiro, apesar de suas muitas viagens ao exterior e fazia constantes visitas à sua mãe, à irmã que moravam em Nova Friburgo e aos amigos e parentes no município de Bom Jardim.

Casou-se um pouco antes de morrer de infarto com uma moça do Rio de Janeiro e não teve filhos. Com era seu desejo, foi sepultado em Bom Jardim.

Suas músicas que fizeram mais sucesso foram: Um pequenino grão de areia; Bota o retrato do Velho (homenagem a Getúlio Vargas); Que será?; Cabelos Brancos; Cidade do Interior

(homenagem a Bom Jardim); A os Pés da Santa Cruz; Velha Praça; Aula de Matemática; Herança; Renúncia; Prece e outras.

**Leopoldo Silva:** nasceu na cerâmica de “Penha Longa”, propriedade de seu pai no município de Mar de Espanha a 21 de abril de 1849. Após cursar a Faculdade, optou pela carreira comercial, veio morar em São José do Ribeirão, onde trabalhava com o comércio de jóias. Em 1869, casou-se com Maria Luiza de Castro Chevrand, filha de Joaquin Chevrand e teve 12 filhos. Mudou-se para a sede de nosso município, na época distrito de Cantagalo, adquirindo o Hotel Bom Jardim. Planejou o aeróstato dirigível “21 de abril” em 1889 cujo esqueleto chegou a ser construído. Seu segundo modelo, o dirigível “Cruzeiro do Sul”, teve a patente requerida no Império Alemão em 1890, pois era costume entre os inventores brasileiros pedir privilégios em países estrangeiros. A patente e demais documentos foram arquivados no Museu Nacional em 1922. Serviu, mais tarde, de modelo para a construção do Zepelin, na Alemanha, sem nenhuma menção ao inventor.

Foi o primeiro brasileiro a pensar na criação de uma empresa aérea e fundou a “Sociedade Particular de Navegação Aérea” em 15 de março de 1890, emitindo ações no valor de 100\$000 que, caso dessem certo, dentro de um ano, valeriam o triplo desse valor, conseguiu 82 acionistas. Mas Leopoldo não conseguiu terminar seu invento, pois, muito doente, foi se tratar na casa de um irmão no Rio de Janeiro, onde faleceu aos 43 anos e foi sepultado no cemitério do Caju.

O **Cap. Luiz Braga Mury** foi o 1º. bonjardinense a atingir o posto de General do Exército Brasileiro.

**Manoel Erthal:** Nasceu em 14 de março de 1895 na Fazenda Poço D’Anta, em Barra Alegre, filho de Eugênio José Erthal e Eugênia Maria Tardin Erthal. Em 1919 casou-se com Julieta Corrêa da Rocha. Foi vereador, membro da FAERJ. Foi autodidata e um grande pesquisador e guardião da História de nosso município. Graças a sua preocupação em preservar nossa História, hoje temos fartas fontes de pesquisa. Escreveu e deixou publicados 3 livros: *A Família Erthal* em 1946, *“ Bom Jardim-esboço histórico e corográfico ”* e *“ Momentos que passaram. ”*

*Foi editor durante dez anos do jornal “O Bonjardinense”. Faleceu em 1974 e foi sepultado em Barra Alegre.*

**Júlio Mário Salusse:** *autor de livros de poesia e um romance, o do famoso poema Os Cisnes. Seu avô foi Guillaume Marius Salusse que serviu à frota de guerra francesa, combatendo em operações de corsário, foi fiel a Napoleão Bonaparte até seu exílio na Ilha de Santa Helena. Por isso recebeu a medalha de ouro que Napoleão mandou cunhar para ser distribuída aos heróis imortais que combateram por seu Império, ingressou na marinha mercante, em 1823. Como capitão, viaja para o Atlântico Sul e, como ao aportar no Rio de Janeiro, já estava gravemente doente, seguiam para a Colônia Suíça criada no Morro Queimado, Nova Friburgo onde conhece Mariana Joset com 18 anos. Mariana havia vindo para o Brasil com os primeiros colonos suíços trazidos por Sebastian Nicolas Gachet e o abade Jacob Joye. Seus pais, José Joset e Francisca Beudelier Joset, morreram na viagem, após uma epidemia de escorbuto que matara 109 suíços. Quando o navio Urânia aportou no Rio de Janeiro, o casal João Pedro Schiltz e José Favre passaram a cuidar dela, por isso mesmo é que, em retribuição, a menina trabalhava muito pesado e levava uma vida muito dura, como todos os colonos. Quando se casou com o capitão G. M. Salusse, Mariana junta o dinheiro do marido e investe na instalação de uma venda e depois de um hotel. Trabalhando duro, junta dinheiro e investe-o em várias propriedades nas zonas rural e urbana. O casal tem vários filhos: Josefina, Maria Amélia, João Eduardo, Sofia, Guilherme, Júlia Michaela e Júlio Mário, fora os que morreram. Os meninos Pedro Eduardo e Júlio Mário têm fortes dons para as artes da pintura, porém a mãe quer que trabalhem, ganhando dinheiro. Pedro Eduardo enfrenta-a e faz Escola de Belas Artes na Bélgica. Em 1863, ganha a medalha de ouro na Exposição de Antuérpia, porém, ao voltar para o Brasil, sua mãe o põe para trabalhar duro nas propriedades agrícolas da família junto com os irmãos. Júlio Mário casa-se, em 1870, com a jovem bonjardinense Hortência Maria de Queiroz e passa a viver no município na Fazenda Gongui, às margens do Rio Grande onde, no dia 30 de março de 1872, nasceu Júlio Mario Salusse e*

recebeu o nome do pai. Sua mãe fica viúva , quando uma epidemia de tifo , na fazenda, mata vários escravos e seu marido, Júlio estava com poucos meses de idade. Quando estava com cinco anos, sua mãe casa-se de novo, e o padrasto não o aceita, por isso ele é mandado para viver com a avó. Seu avô havia morrido em 1875, aos 87 anos, e a avó estava com 69 anos. Quem cuidava dele e dava carinho era sua tia Júlia Michaela, que não se casara e transferira para ele os carinhos maternos. Júlio fez o primário em nova Friburgo, aos 10 anos, foi internado no colégio Pedro II, onde ficou até os 14 anos. Aos 15 anos, matricula-se no curso anexo da Faculdade de Direito em São Paulo. Após proclamada a República, transfere-se para o Rio de Janeiro, em 1896, forma-se advogado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Recebeu vultuosa herança dos avós, porém seu verdadeiro interesse era a poesia, e a tia Michaela o incentivava. Seus versos parnasianos foram publicados na “Gazeta de Notícias”, viajava e gastava muito dinheiro. Francisco Glycério, que chefiava a política nacional, nomeou-o Promotor de Justiça de Paraíba do Sul, oito meses depois, foi removido para a comarca de Nova Friburgo. Na cidade, ele era criticado por ser extravagante, por isso foi se tornando sem confiança na vida pessoal e se entregando mais aos versos, seu porto seguro. Conheceu uma linda jovem, Laura, de Nova Friburgo, a quem dedicou seu mais famoso poema Cisnes, que ficou conhecido em todo Brasil:

“\_A vida, manso lago azul algumas  
Vezes , algumas vezes mar fremente,  
Tem sido para nós constantemente  
Um lago azul, sem ondas, sem espumas...  
Sobre ele, quando, desfazendo as brumas  
Matinais, rompe um sol vermelho e quente,  
Nós dois vagamos indolentemente,  
Como dois cisnes de alvacentas plumas!  
Um dia um cisne morrerá por certo:  
Quando chegar este tempo incerto,  
No lago, onde talvez a água se tisque,

Que o cisne vivo, cheio de saudade,

*Nunca mais cante, nem sozinho nade,  
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...”*

*Em sua timidez, Júlio Salusse jamais teve coragem de declarar seu amor, e Laura de Noves se casou com outro homem em 1927. Os poemas de Júlio se tornaram ainda mais românticos e angustiados. Viveu ainda por alguns anos em Nova Friburgo como Juiz Municipal de São Francisco de Paula até ir morar no Rio de Janeiro em companhia da tia Júlia Michaela. Já com oitenta anos, onde continuou escrevendo seus poemas e advogando para juntar dinheiro para velhice, uma vez que gastara sua fortuna, mas com duro trabalho, enriqueceu de novo. Morreu de câncer no dia 30 de janeiro de 1948, seu amigo pessoal, Nilo Bruzzi, escreveu sua biografia.*

**Cloy Dias Dutra:** *filho de João Luiz Dutra e Deolinda Dias Dutra, nascido em Bom Jardim em 6 de outubro de 1925.*

*Tendo dedicado a vida inteira à agricultura, em 2006, conseguiu cultivar em seu sítio uma laranja com 3,20kg logrando, nesta época, o recorde brasileiro para esta categoria.*

*Tal feito seria abrilhantado com o recorde mundial certificado em 2008 pelo Guinness Book, em Londres, Inglaterra.*

*Foi um entusiasta da história de Bom Jardim e da sua família, tendo promovido vários encontros da família Dutra.*

*Participou de inúmeros simpósios, encontros, exposições e palestras sobre temas variados relacionados com a agricultura em geral e jardinagem.*

## **20- Folclore e festas populares:**

*Os antigos carnavais eram motivo de orgulho para os bonjardinenses. Os primeiros blocos eram familiares e amigos que se reuniam, fantasiavam e seguiam o cortejo em carros (o corso) de onde eram jogados confete e serpentina, porém era uma festa das famílias mais abastadas. O carnaval mais popular só surgiu a partir da década de 20, segundo o Professor Décio L. Freire, em sua coluna “Encontros com a História”. Na década de 20, havia dois blocos, o “Estrela” e o “Paz e amor” que desfilavam pela Miguel de Carvalho e pela Getúlio Vargas; Na década de 30, os principais blocos eram “União da Mocidade”,*

*“Estrela” e um bloco exclusivo de negros “Ver, ouvir e Calar.” No encontro dos blocos, havia troca de bandeiras. Os blocos eram acompanhados de instrumentos de sopro e bateria, as músicas eram marchinhas, e os músicos, componentes da Banda de Música.*

*Em 1934, o “Bloco Estrela” deu origem ao bloco “Abafa” e seu fundador foi Luiz Felix Cariello.*

*Até a década de 50 eram realizados bailes no Salão da Câmara, no Cine Ideal, hoje sede da banda, e um baile só para negros era realizado na Usina da Matta.*

*Em 1950, foi criado o Bloco “Surpresa” que, durante uns quarenta anos alegrou o carnaval na segunda-feira, fazendo críticas bem humoradas a fatos cotidianos em folhas de cartolina que eram carregadas pelos foliões. Havia uma ala feminina e outra masculina. Havia também um bloco onde as roupas eram de papel crepom, o bloco “Seu Aníbal Quintes”.*

1-Primeiros carnavais eram uma festa da elite, pois eram cortejos de carro chamados de corso.

2-Herança do pensamento escravocrata: bailes carnavalescos de negros separados.



**Ladainha da Broa:** *A artista Maria Eugênia T. Figueira, em contos sobre o folclore, nos descreve essa tradição local que surgiu com a família Vieira de Aguiar, por ocasião de uma seca nas nascentes de sua propriedade, portanto fizeram uma promessa de realizar uma ladainha para Santo Antônio com broa, café e cânticos, caso a graça do fim da seca fosse*

*alcançada. Assim, tornou-se tradição todo dia 12 de Junho em São Miguel a ladainha da Broa.*

*Luzião, mulher-macho: teria sido uma mulata muito alta, de aspecto rude e modo de se vestir masculinizado que, nas vendas onde parava, causava medo aos homens, pois bebia pinga em um só gole, fumava cigarro de fumo de rolo e não era de conversa. Todos diziam que andava com uma faca escondida entre as dobras da saia e que, por uma briga de nada, a Luzia matou um homem a facadas, daí o motivo de ninguém falar com ela.*

*A noiva do Trapiche: Trapiche é o lugarejo de Bom Jardim onde morava Rosinha, moça alegre, simpática e que adorava fazer amigos. Casou-se com Joaquim. Logo após a festa de casamento, seguiram para casa. No meio do caminho, quando seguiam em animada conversa, o marido confessou que morria de ciúmes dela e exigiu que não mais saísse de casa sem ele. A noiva não aceitou, argumentando que isso não havia sido combinado antes e que não deixaria de sair de jeito nenhum. No calor da discussão, o noivo esfaqueou e matou Rosinha. Até hoje os caminhoneiros contam que a noiva entra de mansinho nos caminhões e segue em silêncio boa parte da viagem até desaparecer misteriosamente.*

*Nega da Trouxa: Negra, magra, de pernas finas, andava sempre calada, com uma trouxa nos braços. As crianças morriam de medo de sua presença, e as mães aproveitavam-se desse medo para ameaçar durante as travessuras de que seriam levadas pela nega da trouxa.*

*Chica Cebola: A velha Chica, próxima aos cem anos, não tinha parentes, por isso perambulava pelas estradas, carregando uma trouxa ou balaio, dormia e se abrigava da chuva pelas pedreiras, na pedra em forma de Gruta, na curva da Antiga estrada de Barra Alegre. Por isso o local passou a se chamar Pedra da Chica Cebola, onde até hoje as crianças temem ver sua assombração.*

*Picorrucha: Muito branca e avermelhada, com grande nariz, usava saia comprida e pedia comida e pernoite nas casas, o que assustava as crianças. Após sua morte, surgiu o boato da aparição de sua assombração.*



*Furnas do Mão de luva: O acesso às furnas é feito pela Fazenda Saudade, em São José do Ribeirão, situada às margens do Rio São José, nas proximidades da confluência deste rio com o Rio Grande. Tem 4 amplas galerias, entre extensas rochas com pouca visibilidade interior, onde, segundo a lenda, refugiou-se o contrabandista Mão de Luva em fins do séc. XVIII, nessas furnas, foram encontradas ossadas e hieróglifos e, como assoreamento do rio fez com que parte das galerias fossem inundadas, isso aumentou a mistério do lugar que guarda lenda de em seu interior ainda haver tesouros escondidos.*

*Folia de reis: Comemoraram o nascimento de Jesus Cristo. O dia de adoração dos reis magos inicia-se em 24 de dezembro até 06 de janeiro ou 02 de fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias. Os foliões imitam os Reis Magos que seguiam a Estrela Guia. As folias que percorrem cidades são denominadas Folias de Reis de Música e as de zona rural, Folias de Reis de Caixa. Estes últimos mais comuns no Estado do Rio de Janeiro. No Município de Bom Jardim a Festa de Reis termina em 20 de Janeiro, dia de São Sebastião. O chefe da folia é o Alferes (mestre) que leva a Bandeira e recebe as contribuições em dinheiro. Na maior parte, aparecem os mascarados que em, Bom Jardim, representam o mal, o demônio. São os palhaços a Catirina, Pai João, Mocorongo e Bastião que, em outros municípios, são os espiões de Herodes. As folias percorrem casas e sítios onde são oferecidas comidas e bebidas. Em nosso município, esses grupos têm muita dificuldade para se manter. Em 23 de dezembro de 1990, começou a ser realizado “O Encontro Municipal de Folias de Reis”, Troféu Délio Mululo, uma tentativa de preservar essa manifestação cultural, tendo sido esse evento realizado várias vezes em Bom Jardim.*

*Pedra Branca: O nome da localidade que fica no distrito de Banquete, se deve a uma antiga lenda, de que um fantasma de pessoa conhecida na localidade se sentava à noite abaixo de uma pedra manchada de branco.*

*Mãe-do-ouro: Segundo o relato de antigos moradores, na localidade do Rosário, terceiro distrito, nas madrugada sem lua, já foi avistada uma bola de fogo que segue a pessoa por boa parte do caminho e desaparece atrás da Pedra de Santa Tereza,*

*alimentando a crença de que, se ela fosse seguida, seria encontrado ouro.*

**Hino de Bom Jardim:**

*Letra: Chiquinho      Música: Maria de Carvalho*

*Bom Jardim é um encanto*

*Encanto de flores mil,*

*Um aprazível recanto,*

*Do meu querido Brasil.*

*Refrão:*

*Boa terra , nobre gente,*

*Orgulho da natureza ,*

*Quem alegria não sente ,*

*Vendo aqui tanta beleza.*

*Olha as matas que verdura!*

*Olha o céu que esplendor!*

*Tudo aqui é formosura,*

*Carinho, bondade e amor.*

*Refrão:.....*

*Bom Jardim, dileto amigo,*

*Do poeta, inspiração.*

*Alegre deixo contigo,*

*Meu humilde coração.*

*Refrão: .....*

## **21-Considerações finais:**

*A problemática aqui desenvolvida ainda carece de muitas pesquisas, apesar da grande importância da obra de Manoel Erthal, que foi um homem comprometido com o resgate da História de nosso município. Assim, as conclusões ficarão em aberto para pesquisas posteriores. Mas, com o auxílio destes estudos, é possível a contextualização da hipótese inicial que, com esse levantamento, vem elucidar algumas idéias sobre a colonização de Bom Jardim. Colonização essa que teve como pioneiros os imigrantes portugueses, pois, após a captura do contrabandista Mão de Luva, o rei de Portugal resolveu povoar essa região para impedir que por ela continuasse acontecendo o contrabando do ouro de Minas Gerais.*

*Dessa forma, essa pesquisa levou-me a novas conclusões : o fato de que, além de impedir o contrabando, houve também uma tentativa de se buscar metais preciosos na região, mas que não foram encontrados em grande quantidade e que praticamente se esgotaram com a mineração ilegal; outro fato é de que os pioneiros na colonização foram os portugueses e também alguns migrantes de Minas Gerais, depois, esses grupos dividiram e subdividiram sesmarias com suíços, alemães, italianos, libaneses, sírios, turcos, espanhóis e outros que também ajudaram a formar o povoamento desta terra; com os índios e escravos negros africanos.*

*Outro aspecto importante que deve ser observado é que o aniversário de Bom Jardim é comemorado em 5 de março, mas a data de emancipação do Município foi 17 de dezembro de 1892. O dia 5 de março de 1893 foi à data de instalação da Câmara Municipal.*

*Em relação ao desenvolvimento econômico, a produção de café foi de vital importância para o crescimento do município, principalmente depois da instalação da via férrea para o transporte do café da região para o porto do Rio de Janeiro, na República velha. O município desenvolveu-se muito política, econômica e culturalmente, porém, com a decadência do produto, as suas bases econômicas mostraram-se frágeis. Também faltou às elites e aos políticos locais competência suficiente para reestruturarem a economia local, pois é sabido*

*que haveria necessidade de se investir na diversidade de culturas para que o município não ficasse tão vulnerável à decadência da economia cafeeira. Isso porque, embora Bom Jardim produzisse outras culturas, não era uma produção forte o suficiente para substituir o café, mesmo porque o próprio país não investiu nesses outros setores. As conseqüências disso foram desastrosas para a região que, em vários setores regrediu , produzindo êxodo rural.*

*O resgate da força econômica, política e cultural de Bom Jardim dependem hoje de um competente planejamento e um grande investimento a médio e longo prazo para que este município que possuía 2 usinas produtoras de energia hidroelétrica, uma das melhores salas de cinema do Estado, uma bela praça com rinque de patinação, uma intensa vida cultural e artística, belos e animados carnavais, lideranças políticas com influência nacional, vários jornais; se revitalize, volte a prosperar e oferecer a este povo e principalmente, aos jovens, opções para crescer sem que seu povo tenha de deixar nosso município.*

*Quanto mais pesquiso sobre a formação histórica de Bom Jardim, mais descubro o quanto ainda é grande a minha ignorância sobre esse assunto e o tanto que ainda há por saber. Porém a pesquisa e o levantamento de dados sempre contribuem para melhor explicitar fatos do nosso passado e, assim, aumentar a capacidade de se entender e melhorar o presente, ajudando aos futuros pesquisadores a desenvolverem um trabalho ainda melhor.*

### **Origem de famílias bonjardinenses:**

*Portugal:*

*Abreu, Aguiar Almeida, Alves, Amaral, Ayres, Azevedo, Antunes, André, Andrade, Araújo, Albuquerque, Barbosa, Barreto, Barros, Bastos, Beltrão, Bezerra, Borges, Bruno, Branco, Barroso, Batista, Braga, Brasil, Cabral, Câmara, Calvão, Camargo, Carvalho, Castilho, Castro, Cordeiro, Correia, Costa, Coutinho, Cruz, Cunha, Coelho, Dias, Durão, Duarte, Dutra, Falcão, Feijó, Fernandes, Faria, Ferreira, Figueira, Figueiredo, Fonseca, Freitas, Feliciano, Flor, Freire, Galvão, Gomes, Gonçalves, Guerra, Guimarães, Gratal, Homem, Jesus, Jatobá, Jardim, Loureiro, Lopes, Machado, Martins, Macedo, Marques,*

*Mattos, Mello, Miranda, Moraes, Moreira, Monteiro, Motta, Moura, Mesquita, Mendes, Muniz, Neto, Neves, Noronha, Oliveira, Ornellas, Paula, Passos, Peçanha, Pedrosa, Pena, Pereira, Pinheiro, Pinto, Pirajá, Pires, Pontes, Pacheco, Prata, Plácido, Paes, Quintes, Quaresma, Queiroz, Ramos, Rangel, Rego, Rosa, Ribeiro, Rocha, Santos, Sampaio, Serrano, Silva, Siqueira, Silveira, Souza, Tibau, Tinoco, Torres, Terra, Vasconcelos, Vaz, Veloso, Veiga, Vendas Rodrigues, Vieira.*

*Suíça:*

*Ballonecker, Balmant, Bohrer, Bongard, Berçot, Bussinger, Boéchat, Chaboudez, Chavannaz, Chevrand, Combat, Cortat, Curty, Emerich, Emrich, Folly, Frotté, Frossard, Gripp, Holtz, Koller, Lapaire, Lutterbach, Lemgruber, Mafort, Maulaz, Macheret, Marchon, Marfurt, Monnerat, Meyer, Muller, Poubel, Pizzioli, Rime, Rosse, Sanglard, Stutz, Schmidt, Straus, Tardim, Thurler, Thomas, Verly, Volluz, Wermelinger, Werneck, Werner, Wehrly, Klein, Knupp, Zebendo.*

*Itália:*

*Albertini, Benvenuti, Bérghamo, Bianchini, Caetano, Canale, Caposi, Caputo, Carielo, Carrielo, Carrilho, Chiacchio, Christani, Celles, Cenebry, Cerbino, Chiapin, Chiapini, Considera, Delduque, Faccini, Fersura, Grandini, Guariglia, Guarino, Guida, Guzzo, Latini, Lattanzi, Maggessy, Marchetti, Mezentier, Miliose, Montequiare, Moretti, Nicoliello, Pecci, Primo Vitta, Ortozzi, Wertuly.*

*Alemanha:*

*Brust, Emerich, Erthal, Hechert, Hermsdorf, Heringer, Hoelz, Laubach (Loubach ou Louback), Oberlaender, Shuenkel, Shumacker, Shott, Underberg, Winter.*

*França:*

*Arnaud, Bittencourt, Doffini, Gevezier.*

*Líbano:*

*Antun, David, Karem, Kassab, Mandur, Mansur, Morrarama Kassale, Nur Jurasse, Resgala, Sander, Simão.*

*Angola:*

*Alicerces, Baptista, Domingos, Lisboa, Valentin.*

*Espanha: Alonso.*

## **22- Bibliografia:**

- ARAÚJO, J.R. e MAYER, J.M (org.) Teia Serrana – Formação Histórica De Nova Friburgo
- BRUZZI, Nilo - Júlio Salusse, O último Petrarca- 2ª. Edição, Gráfica Editora Aurora- 1956
- CARRIELLO, Bidu P.P- Gente e Lugares de meu tempo - Bom Jardim - RJ- 2005
- ERTHAL, Manuel- Bom Jardim, Estado do Rio de Janeiro Ed....., 1957
- ERTHAL, Clélio- Cantagalo- Da miragem do ouro ao esplendor do Café - Gráfica Erthal LTDA.1992
- JACCOUD, Raphael de S.- História, contos e lendas da velha Nova Friburgo-Multipla cultural, 1999.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro -O homem e a serra -Ed. Rio de Janeiro IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1963.
- PONTES, Élio M.Solon de -Bom Jardim centenário -Breve
- SILVA, Edith Rodrigues da- No tempo da vovó- Editora Ados LTDA- 2005
- Esboço Retrospectivo-Prefeitura Municipal -1994
- VAUGHAN, Raimundo Bandeira – A Família Monnerat.
- Jornais, revistas, fotos e documentos:
- Revista - A Verdade - Edição de Maio de 1942 - Direção de Antônio F. de Carvalho
- Jornal Notícias- Classitudo, edição n.º 491- de 04/05/2000
- Jornal A Ordem de 18 de abril de 1912
- Jornal O Bom Jardim de 2 de Julho de 1929
- Jornal de Bom Jardim - Coluna Encontros com a História do Profº Déscio L. Freire
- Jornal Bom-Jardinense -Ano I- 6 de Janeiro de 1895- nº 231; nº 132, ano III de 16 de maio de 1897; ano V de 9 de abril de 1899- Proprietário A. Fernandes
- Leitura de texto escrito por Felix Carriello
- Contos de Maria Eugênia T. Figueira
- Textos e relatos da artista Isa Erthal Thomaz
- Contos da Professora Nilza Rodrigues Velloso.
- Cd-room - Bom Jardim- organizado pela professora Luciana Dias Erthal Thuler.
- Fotos doadas pela comunidade e do arquivo do fotógrafo Sobrinho.

*A Autora: **Adriana Louback**, nasceu em 06 de julho de 1971, em Bom Jardim, filha do casal José Milton Louback e Marilda Louback. cursou o Ensino Fundamental na Escola E. Dr Péricles C. da Rocha e o Ensino Médio no Colégio Estadual Ramiro Braga, fez Licenciatura Plena em História na Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia e Pós- Graduação em Psicopedagogia, História e Geografia. Casou-se em 6 de novembro de 1999 com Rogério Abreu Alves e teve 2 filhas Estela Louback A. Alves em 24/09/ 2003 e Eloísa Louback A. Alves em 06/08/2007. Lecionou História no Colégio E. Dr. Péricles C. da Rocha e na Escola Municipal Gov. Moreira Franco. Hoje trabalha na Biblioteca de ambas as escolas.*



*O Ilustrador: **Marcos José Louback**, nasceu em 22 de janeiro de 1970, em Bom Jardim, filho do casal José Milton Louback e Marilda Louback. cursou o Ensino Fundamental na Escola E. Dr Péricles C. da Rocha e o Ensino Médio no Colégio Estadual Ramiro Braga, fez curso de desenho técnico no SENAI. Casou-se em 1994 com Simone Martins Louback com quem teve o filho Marcos Martins Louback em 30 de abril de 2004. Trabalhou como Assessor de Planejamento e Projetos da Prefeitura Municipal de Bom Jardim.*

